



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 19.º

SÁBADO, 29 DE MARÇO DE 1975

AVENÇA

N.º 940

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

PROPRIEDADE — V.ª e HERD.º DE JOSÉ BARÃO
OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254 • LISBOA — TELEF. 361839 • FARO — TELEF. 22322 • AVULSO 2\$50

JORNAL DO ALGARVE — ANO PRIMEIRO

O aniversário do JORNAL DO ALGARVE pela primeira vez em liberdade — eis um acontecimento para festejar com todas as nossas forças no que, estamos certos, somos acompanhados pelos nossos leitores.

Nesta data de regozijo, teremos de recordar os gloriosos anos de luta, em que o seu fundador, o inesquecível e combativo José Barão, à frente de um pequeno grupo de gente corajosa, empreendeu defender os interesses do Algarve e do seu povo, através de dificuldades de toda a ordem. E mesmo contra a maré, da Censura e de uma anódina imprensa regional, este jornal vingou. Talvez até por isso...

Os anos do fascismo foram terríveis no campo da informação, os «combates» com a Censura, de Faro e de Lisboa, eram semanais. Quantos artigos suspensos e inutilizados pelos cortes azuis das «policías» dos jornais! Quantas páginas estragadas à última hora! Quantos telefonemas de emergência sem qualquer resultado!

Agora que o pesadelo desapareceu, agora que desejamos esquecer rapidamente o que foi essa época de jogo de escondidas em que através de símbolos e meias-palavras procurávamos dar ao leitor a ideia de tudo que não podíamos escrever, queremos recordar esses pioneiros da liberdade que fizeram o JORNAL DO ALGARVE, e acentuar bem alto quanto lhes devemos nesta hora de alegria para todos os que amam a verdade e a informação.

Aqui fica o nosso abraço comovido, a nossa admiração sincera. Mas a sua luta não foi vã. Foram eles que, na sombra e quase na clandestinidade, mantiveram entre os leitores esse espírito de revolta e de intransigência, criando em muitos a esperança dos dias que acabariam por chegar.

E hoje é como se atingíssemos o Ano Primeiro pois, finalmente, podemos dizer o que queremos num país livre sem censuras de Informação.

Uma dívida de gratidão

No 19.º aniversário do Jornal do Algarve, que agora se regista, é bom lembrar José Barão. Ele foi seu fundador e, durante largos anos, seu director.

Como jornalista profissional, deu a «O Século» os melhores anos da sua vida, em reportagens dignas de um jornalista que sabia amar e respeitar a sua profissão. Também foi o autor de um livro, que a Editorial Inquérito fez sair.

Como cidadão, foi um democrata convicto, mantendo sempre uma isenção política e de não colaboração com o fascismo. Houve, também, nesse aspecto, a classe dos profissionais da Imprensa.

Um facto houve, na minha vida, que me deu a justa medida do seu carácter de cidadão coerente com as suas ideias, amigo de seu amigo, coração nobre e fraternal. Estava eu sob o pesadelo das grades, condenado por um dos tribunais de excepção fascistas de Lisboa, depois de ter sido torturado selvaticamente pela PIDE. Cumpria, na Fortaleza de Peniche, os anos de prisão maior a que, por meu ideal comunista, por defender a justa causa dos trabalhadores e do povo, em geral, tinha sido condenado. Por conveniência partidária, alguns dos meus amigos tinham cessado a correspondência directa comigo. Mas amigos meus, pessoais, por receio de serem incomodados, por temor de virem a ser envolvidos nas malhas da suspensão pidesca, jamais me escreveram durante o longo tempo do cativeiro.

Porém, José Barão foi um dos raros amigos pessoais que manteve regularmente, com o prisioneiro político que eu era, os laços de mútua estima e admiração que nos ligavam. E fazia-o sem reticências, como um acto de solidariedade humana e fraterna que, em certas circunstâncias, tão bem sabe a qualquer prisioneiro. Sobretudo, ao prisioneiro de uma injusta prisão que tem a noção que está pagando demasiado caro, com a violência de um injusto castigo, o amor pela defesa de um ideal de liberdade e de fraternidade, como aquele que defendia e ainda hoje defendendo.

Por isso, a lembrança do cidadão e do democrata José Barão, neste momento em que se comemora mais um aniversário do «seu» jornal, continua viva na minha memória, como preito de admiração ao homem solidário com outros homens, que ele foi.

A. Vicente Campinas

TEMAS EM DEBATE PROBLEMAS PRÉ-ELEITORAIS QUE PRECISAM DEFINIR-SE

Eleições adiadas para 25 de Abril, uma data mais do que simbólica para a realização de um acto desta natureza. Motivos de ordem técnica — segundo o comunicado do Conselho da Revolução — levaram à escolha de nova data e também a do início da propaganda, só em 2 de Abril.

Entretanto, o leque de partidos foi reduzido, com a suspensão das actividades do P. D. C., do M. R. P. P. e da A. O. C. Embora se compreenda o primeiro caso, um partido da direita cujo secretário geral estava envolvido na intenção do 11 de Março, o mesmo não se poderá dizer dos outros dois, à esquerda, que continuam a representar sectores muito válidos do actual panorama político. Somos contra estas discriminações que, de certo modo, coarctam a liberdade de escolha, principalmente porque todos estes partidos foram legalizados e o seu desaparecimento pode levar a confusas tomadas de posição, como será, possivelmente, a escolha de certas organizações afins, que acabarão por apanhar votos que não lhes seriam destinados em princípio.

Mas outros problemas vão surgir com as eleições, desde a propaganda até à simbologia dos partidos. Alguns há que tendem a confundir-se, pelo que já foi pedido pelo Governo que modificassem as siglas que se prestam a enganar e confusões. Por exemplo a foice e o martelo surgem em vários partidos concorrentes além do P. C., o que pode provocar problemas durante a campanha e também no acto eleitoral, principalmente entre os eleitores pouco politizados.

Mas o que acima de tudo se propõe é que os cidadãos fiquem convenientemente esclarecidos para que cheguem ao acto eleitoral com a verdadeira consciência daquilo que desejam e que votem por si próprios, e não às ordens de alguns caciques que lhes pedem os votos. Estejamos alerta evitando que isto possa acontecer, de modo a que cada um faça uma livre escolha. Neste aspecto são de grande importância as sessões de dinamização do M. F. A. e de esclarecimento dos partidos que, entretanto têm vindo a intensificar-se de norte a sul do País. Só num plano de verdadeiro conhecimento e de liberdade é que cada um poderá votar, tanto assim que já tem havido tempo suficiente para o fazerem. Em todo o caso, certas zonas da Província são as mais preocupantes, de há muito permeáveis à influência do fascismo e tendo encarrar as ideias progressistas da democracia. Os partidos políticos têm ainda de actuar em profundidade, em algumas dessas regiões mais renitentes ao Movimento das Forças Armadas e às conquistas do 25 de Abril.

M. B.

IMPARCIALIDADE

SEGUNDO os dicionários entende-se por imparcialidade o acto de não sacrificar a verdade de um facto e a aplicação da justiça a conveniências particulares, portanto ISENÇÃO.

Assim o entendo eu; assim o entendem todos aqueles para quem a palavra imparcialidade tem um só significado e interpretação. Mas há os outros, aqueles para quem ela é sinónimo de oportunismo e que, por consequência, a usam abusivamente. Foi por isto que vimos durante anos (que nos pareceram intermináveis séculos) usar a palavra imparcialidade para qualificar actos do mais evidente ostracismo; foi também evocando-a que se marginalizou o povo e se criaram os grandes potentes capitalistas; foi ainda propalando-a que se fizeram e desfizeram governos durante uma ditadura que durou 48 anos.

Que grande arma a imparcialidade e como a manejam bem os oportunistas. Os de ontem, de hoje, de amanhã, de

por Maria Carlota

sempre! E os oportunistas, sejam eles quem sejam e em nome do que seja, são sempre oportunistas.

Foram-no, e hábeis, Salazar, Marcelo e seus acólitos,

(Conclui na 5.ª página)

O TURISMO SOCIAL

por Deodato Santos

DEPENDENTE agora do Ministério da Economia, mais se evidencia o papel de especial importância que o turismo desempenha na nossa realidade económica, e o desejo que se tem de que essa importância seja relevada. De facto, é necessário que toda a máquina turística seja repensada, que as suas opções fundamentais sejam revistas, que as suas tarefas sejam alargadas, de modo a que se possa responder de maneira mais eficaz às necessidades presentes e, sobretudo, em termos de organização, pô-la em condições de poder prosseguir e sobreviver a uma crise já visível num passado recente, e cujo apogeu se vai aproximando a passos seguros e firmes.

Responde toda a indústria turística deste tipo a uma demanda internacional, criada por um tipo de civilização que, elevando o nível de rendimento geral, permitiu a grandes massas de população a sua emigração temporária, na realização de um sonho comum a todo o indivíduo, que é o da aventura do

desconhecido, o contacto com outras gentes, o despauamento. Dili-genciaram os empresários turísticos oferecer aqueles que os procuravam, a ilusão de que durante um mês viveriam a vida tradicionalmente reservada às elites. E tal

(Conclui na 4.ª página)

Um dos grupos de folclore soviético que estiveram recentemente em Portugal: os Coros e Danças dos Sindicatos, numa das suas famosas exhibições.



JANELA DO MUNDO
pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

OS CULPADOS CONTINUAM POR JULGAR

AS fugas de capitais para o estrangeiro têm tomado os aspectos mais estranhos e ridículos. Inclusive, o pessoal do aeroporto de Lisboa descobriu um pão-de-ló recheado com setenta notas de conto. Manobras da imaginação e da reacção...

Outros são apanhados pelos guardas alfandegários com importâncias ilegais que procuram passar no vestuário ou nos forros das malas. Entretanto, as quantias nunca são demasiado excessivas.

Resta saber como passam, efectivamente, as grandes somas, agora que os bancos e as companhias de seguros se encontram nacionalizados. Mas nestes meses atrás, antes do início da grande vigilância (Conclui na 4.ª página)

Estudos de Oceanografia Biológica em Sagres

DECORREU em Sagres, com o apoio do Estado Maior da Armada e da Federação Portuguesa de Actividades Submarinas, um estágio de 35 alunos e professores da cadeira de Oceanografia Biológica da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Os participantes procederam a estudos sobre fauna e flora do litoral bem como dos fundos até cerca de 50 metros de profundidade, explorados sem auxílio de escafandro superior.

QUEM ACODE AOS REFORMADOS DA PREVIDÊNCIA?

por J. Santos Stockler

É BEM certo que os reformados já não têm filhos a sustentar, nem a educar, na maioria dos casos. Isto é uma verdade que ninguém pode ocultar. Mas também não é menos verdade que, tanto os reformados como os válidos, têm o mesmo direito a uma sobrevivência digna, uma vez que para além de terem todos um estômago, os primeiros já deram o seu contributo à sociedade, através do qual se formaram médicos, engenheiros, catédricos, advogados, etc., sem que muitos deles se tivessem lembrado, sequer, a quem realmente ficaram a dever a parte maior da sua formação ao nível universitário. Portanto, uma vez que os reformados já contribuíram com a sua quota-parte para uma maior rentabilidade económica do País, justo será também, que sejam agora os válidos a contribuir para a

sua sobrevivência durante o resto dos seus dias, mas uma sobrevivência digna, pois que bem a merecem, sem qualquer favor seja de quem for.

Queremos com isto dizer que os reformados têm direito a um nível de vida que lhes permita fazer face às suas despesas mais elementares, de entre as quais está em primeiro lugar a alimentação. E ele não pode alimentar-se como ser humano que é, com a escassíssima

(Conclui na 5.ª página)

JORNAL do ALGARVE

EMISSOR Regional do Sul da Emissora Nacional, reproduziu aos seus microfones, com comentários de apreço, o artigo que há semanas inserimos sob o título «Liberdade sim, mas não para os fascistas», do nosso prezado colaborador Antero Vila Nova.

A saúde é a maior riqueza
DESPERDÍCIO EVITÁVEL
O aproveitamento das substâncias úteis dos alimentos depende, em grande parte, do modo de cozinhá-los. Os frutos, rizomas e tubérculos devem ser cozidos com casca, a fim de que não passem para a água os sais que contêm, a menos que se queira aproveitar a água para o preparo de sopas, caldos e papas.
Cozinhe, com casca, frutos, rizomas e tubérculos. Não deite fora princípios úteis desses alimentos.

Sessões de esclarecimento do Partido Comunista Português

Em MARTINLONGO

A comissão concelhia do P. C. P. de Vila Real de Santo António, efectuou no domingo, a convite de uma comissão de residentes em Martinlongo, uma sessão de esclarecimento naquela importante aldeia, que teve a presença de mais de 300 pessoas. Uma grande parte da assistência era constituída por mulheres trabalhadoras.

Durante a sessão, que decorreu no largo frente ao edifício da Junta de Freguesia, falaram vários elementos do P. C. P., entre os quais a candidata pelo Algarve, dr.ª Maria das Dores Medeiros. Houve numerosas perguntas de assistentes, tendo-se ventilado os benefícios que para o povo dessa região representa o cooperativismo — que foi um dos temas importantes tratados na sessão, pelo facto de estar em formação, em Martinlongo, uma cooperativa de camponeses.

A sessão prolongou-se por várias horas, com muito interesse dos participantes, que no final aplaudiram entusiasticamente a comitiva vila-realense.

Em MONTE GORDO

Na segunda-feira fez-se novo comício do P. C. P. na sala do Cinema Mariani, em Monte Gordo, que estava completamente cheia.

Falaram vários oradores, representando a Comissão Concelhia do P. C. P. de Vila Real de Santo António, a U. E. C., a U. J. T. e também dois dos candidatos a deputados pelo Algarve, apresentados pelo P. C. P., a dr.ª Maria das Dores Medeiros e o operário conserveiro de Olhão, Domingos Segura Bento, que abriu a sessão, tendo a mesma decorrido com grande entusiasmo.

Numerosas foram as interrupções dos oradores, por parte da assistência, com aplausos e «slogans» de «O povo está com o M. F. A.», «A vitória é difícil, mas é nossa», «A reacção não passou, a reacção não passará», «P. C. P.» etc.

No final, foi cantado o Hino Nacional e o «Avante, camarada».

Em CASTRO MARIM

Na sala do Cinema Mariani, em Castro Marim, efectuou-se, na terça-feira, uma sessão de esclarecimento do P. C. P., com a presença de um representante distrital deste partido e da dr.ª Maria das Dores Medeiros.

Logo no início, um reduzido número de provocadores tentaram impedir que a sessão se realizasse, gritando insultos ao P. C. P. e che-

Os municipais farenenses terão assembleia em 7 de Abril

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro apreciou recentemente os seguintes assuntos:

Constituição da comissão de moradores da Penha. Até agora estavam constituídas as comissões do Alto Rodes, Montenegro e Gorjões.

Ao Município foi oferecido pela viúva de Assis Esperança um busto e a biblioteca do escritor. Foi deliberado estudar a colocação do busto, no Jardim Catarina Eufémia, perto da casa onde Assis Esperança viveu durante largos anos. Quanto à biblioteca, estuda-se a sua colocação em sala própria da Biblioteca Municipal.

Tendo em vista contribuir para debelar a crise de desemprego, em especial no sector da construção civil, a Câmara promove a construção em terreno camarário de cinco blocos com 50 fogos e zonas comuns. Para isso vai ser contraído um empréstimo de 21 635 contos, a amortizar até Dezembro de 1976. Os fogos serão vendidos para habitação própria, pelo preço dos custos de construção acrescido dos encargos do empréstimo.

Foi deliberado ceder gratuitamente terreno na zona de Bom João, destinado à construção imediata de 60 habitações pelo Fundo de Fomento da Habitação. Foi ainda deliberado diligenciar junto do mesmo Fundo a construção de mais 210 fogos para o que a Câmara cederá também gratuitamente o terreno.

Em 7 de Abril far-se-á a assembleia dos municipais farenenses, para o que se diligenciará junto da gerência do Cinema Santo António a cedência da sala de espectáculos.

Considerando o problema dos estacionamento e da necessidade de poupar combustíveis, foi examinada a criação de uma zona de estacionamento pago, no centro da cidade, com taxas progressivas em razão do tempo. Estes parques pagos serão completados pela criação de parques gratuitos em zonas mais afastadas do centro, designadamente Largos do Mercado, do Carmo, Silva Porto, Mouras Velhas e São Francisco. Finalmente, foi vista a necessidade de rever todo o sistema de transportes colectivos urbanos, por forma a torná-los funcionais e ao serviço de toda a população.

gando um dos mais virulentos perturbadores a pular para cima de uma mesa para, com gestos e palavras, arrastar a assistência para o seu lado. Só a coragem cívica e política dos elementos mais responsáveis do P. C. P. impediu que a sessão não degenerasse em desordem.

Falaram três oradores, explicando a assistência que enchia a sala, a política e a orientação do P. C. P., na defesa dos interesses das classes trabalhadoras. Entre eles, a candidata dr.ª Maria das Dores Medeiros, que foi muito aplaudida no final da sua intervenção.

PRÓXIMAS SESSÕES DO P. C. P.

Estão previstas as seguintes sessões do P. C. P.: hoje, em Odeleite, às 16 horas e no Azinhal, às 21 horas. Em 6 do próximo mês, em Faro, com a presença de Alvaro Cunhal, secretário-geral do P. C. P. Em 9, em Vila Real de Santo António, no Cine-Foz, às 21 horas, com a presença de vários candidatos a deputados pelo Algarve, entre eles Carlos de Brito, do Comité Central do P. C. P.

Dois algarvios em destaque na carreira universitária

Segundo informa a Imprensa diária, vai ser nomeado vice-reitor da Universidade de Coimbra o nosso comprouviano dr. Orlando Pinheiro Rafael Pinto, natural de Loulé, onde nasceu em 10 de Dezembro de 1927. Frequentou o Liceu João de Deus, em Faro, cujo curso concluiu em 1945 e matriculou-se na Escola Superior de Farmácia, da Universidade de Coimbra, onde tirou o curso profissional, licenciando-se na Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto. Em 1962 foi contratado como assistente do grupo de laboratório de química e biologia do Instituto Nacional de Investigação Industrial, passando em 30 de Junho de 1969 a assistente da cadeira de Química Biológica e Análises Bioquímicas da Faculdade de Coimbra, onde actualmente exerce o cargo de professor auxiliar. É autor de vasta obra científica, tendo feito estágios e visitas de estudo na Suíça, França, Áustria, Alemanha e Grã-Bretanha. Na sua larga bibliografia incluem-se colaborações nas revistas «Farmácia», «Estudos Biológicos» e no «Boletim da Faculdade de Farmácia de Coimbra».

Outro algarvio, por sinal também louletano, foi aprovado para professor de Medicina da Universidade de Lourenço Marques. Trata-se do prof. Sérgio Farrajota Ramos, que obteve, por unanimidade do júri, que era presidido pelo prof. Juvenal Esteves (catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa) o título de professor agregado de Medicina Interna (Dermatologia e Venereologia) do curso médico cirúrgico pela Universidade de Lourenço Marques.

O prof. Farrajota Ramos, tem 50 anos. Licenciado em medicina pela Faculdade de Lisboa, com a classificação final de 16 valores, em 1947, possui o curso superior de Medicina Sanitária e o curso de Medicina Tropical, bem como os internatos dos Hospitais Civis de Lisboa. Médico escolar, foi assistente da Universidade de Lourenço Marques e desde 1973, professor auxiliar da mesma, após ali ter obtido o grau de doutor em Dermatologia e Venereologia, com distinção e louvor. Como bolseiro da Organização Mundial de Saúde, visitou a Holanda, a França e a Nigéria; tomou parte em diversos congressos, nos quais apresentou trabalhos, é sócio de diversas so-

ECOS

Partidas e chegadas

Transferiu a residência de Vila Real de Santo António para Setúbal, o nosso assinante sr. António de Jesus Sopa.

Com seu esposo, sr. Rúbens Aleixo Baptista foi passar uns dias a Lisboa, a sr.ª D. Maria Leticia Bento, nossa assinante em Vila Real de Santo António.

Foi ao Porto passar uns dias em casa de sua filha, o sr. José António Parra, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

Farmácias Necrologia

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Higiene; amanhã, Graça Mira; segunda-feira, Pereira Gago; terça, Pontes Sequeira; quarta, Baptista; quinta, Oliveira Bomba e sexta-feira, Alexandre.

Em LAGOS, a Farmácia Ribeiro Lopes.

Em LOULE, hoje, a Farmácia Madeira; amanhã, Confiança; segunda-feira, Pinheiro; terça, Pinto; quarta, Avenida; quinta, Madeira e sexta-feira, Confiança.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Rocha; amanhã, Pacheco; segunda-feira, Progresso; terça, Olharense; quarta, Ferro; quinta, Rocha e sexta-feira, Pacheco.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Central; amanhã, Oliveira Furtado; segunda-feira, Moderna; terça, Carvalho; quarta, Rosa Nunes; quinta, Dias e sexta-feira, Central.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Aboim; amanhã, Central; segunda-feira, Franco; terça, Sousa; quarta, Montepio; quinta, Aboim e sexta-feira, Central.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «O campeão»; amanhã, «002 e o cérebro electrónico»; terça-feira, «Entre duas margens»; quarta-feira, «Tal mãe, tal filha»; quinta-feira, «Joe Dakota»; sexta-feira, «Viagem entre mulheres».

Em ALMANSIL, no Cinema Miranda, hoje, «Empresta-me o teu motorista»; amanhã, «Queridos pais».

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, em matinée, «Era uma vez... Walt Disney» e em soirée, «O atentado»; amanhã, «Operação golfinho».

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «3 super-homens na selva»; amanhã, em matinée e soirée, «A mania das grandezas»; terça-feira, «Tal mãe, tal filha»; quarta-feira, «O espadachim sem braço»; quinta-feira, «A mais antiga profissão».

Em LOULE, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «Capitão sem barco»; amanhã, em matinée, «Festival Tom & Jerry» e em soirée, «Lágrimas e suspiros».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje e amanhã, em matinée e soirée, «Os malucos no supermercado»; segunda-feira, «A lenda da casa assombrada»; terça-feira, «Paraíso ao sol»; quarta-feira, «O magnífico»; quinta-feira, «Malícia».

ciências científicas, tanto nacionais como estrangeiras e, da sua bibliografia pessoal fazem parte 40 trabalhos publicados.

(duas sessões); sexta-feira, «Hiroshima, meu amor».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvesense, hoje, «Alamo»; amanhã, em matinée, «Robin dos bosques» e em soirée, «Bob, Carol, Ted e Alice»; terça-feira, «Homens de amanhã»; quinta-feira, «Sexo louco».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, hoje, amanhã e segunda-feira, «Laranja mecânica».

Clarimundo de Sousa Guerreiro

Em Loulé, de onde era natural e onde residia, faleceu o sr. Clarimundo de Sousa Guerreiro, de 73 anos, antigo comerciante, que deixa viúva a sr.ª D. Caçilda da Silva Guerreiro. Era pai das sr.ªs D. Maria dos Anjos da Silva Guerreiro Laginha Ramos e D. Maria Francisca da Silva Guerreiro Farrajota Laginha e do sr. eng. Análides da Silva Guerreiro, director da Junta dos Portos de Barlavento do Algarve; sogro da sr.ª dr.ª Aura Laginha Ramos da Silva Guerreiro, e dos srs. Fernando Luis Laginha dos Ramos, já falecido e eng. Joaquim Farrajota Laginha, residente em Lisboa; irmão das sr.ªs D. Clara Guerreiro Salgadoinho e D. Maria da Ascensão Guerreiro Pinto e do sr. Vivaldo de Sousa Guerreiro; e avô das meninas Eva Guerreiro e Maria Fernanda Guerreiro Laginha Ramos e dos srs. Jorge da Silva Guerreiro Ramos e João Rogério Ramos da Silva Guerreiro.

D. Maria do Patrocínio Guerreiro de Mendonça Freitas

Faleceu em Lisboa realizando-se o funeral para Faro, a sr.ª D. Maria do Patrocínio Guerreiro de Mendonça Freitas, de 60 anos, natural de Loulé, casada com o sr. dr. Manuel Cordeiro de Mendonça Freitas, juiz da 2.ª Vara do Tribunal de Trabalho de Lisboa. Era mãe da sr.ª dr.ª Maria Augusta Guerreiro de Mendonça Freitas, professora do Liceu de Sintra e do sr. dr. Luís Manuel Guerreiro de Mendonça Freitas, agente do Ministério Público, casado com a sr.ª D. Maria Margarida Sotto Mayor Felgueiras de Mendonça Freitas; irmã das sr.ªs D. Pedra do Patrocínio Neves Guerreiro e D. Júlia das Neves Guerreiro de Azevedo Gomes, casada com o sr. Alvaro de Azevedo Gomes, gerente comercial, residente em Lisboa, e dos srs. dr. Manuel Guerreiro Pereira, casado com a sr.ª D. Maria José Leal Castelo Branco Guerreiro Pereira, e eng. João Guerreiro Pereira, já falecido.

D. Joaquina Rodrigues

Em Vila Real de Santo António, de onde era natural, faleceu a sr.ª D. Joaquina Rodrigues, de 75 anos, casada com o sr. José Francisco. Era mãe das sr.ªs D. Bertina José da Conceição e D. Maria José da Conceição Toledo e do sr. Francisco José da Conceição; sogra da sr.ª D. Isabel Antónia Medeiros e do sr. Hélder Santana Toledo; e avó da sr.ª D. Maria do Carmo Medeiros da Conceição, da menina Bertina da Conceição Toledo e dos srs. Luís Alberto Toledo e José Manuel Medeiros da Conceição.

Também faleceram:

Em TAVIRA — a sr.ª D. Sebastiana do Livramento Catalado Moita, de 77 anos, dali natural, viúva de António Sequeira Fernandes Moita.

Em S. BRAS DE ALPORTEL — o sr. José Lopes Rosa da Ponte, de

68 anos, proprietário, dali natural, casado com a sr.ª D. Maria Sancho Lopes da Ponte e pai da menina Maria Margarida Sancho da Ponte, estudante.

Em BEJA — o sr. Amadeu Viagas Gonoalves, de 67 anos, natural de São Bartolomeu de Messines, casado com a sr.ª D. Jesuína dos Santos Bateira Gonçaves e pai da sr.ª D. Lídia Bateira Gonçaves.

Em ALMADA — o sr. José Humberto Machado, de 76 anos, natural de Vila Real de Santo António, casado com a sr.ª D. Hermínia Belo Machado, pai da sr.ª D. Helena Belo Machado Nunes e dos srs. Humberto e Mário Belo Machado.

Na DAMAIA — a sr.ª D. Maria Gabriela Martins, de 74 anos, natural de S. Brás de Alportel.

Na COVA DA PIEDADE — o sr. Francisco Pedro Cândido, de 71 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Carlota Joaquina, pai das sr.ªs D. Marcelina e D. Helena Cândido.

o sr. Francisco Correia Cabrita, de 51 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Maria Helena do Rosário Maia, pai dos srs. José Henrique e Vítor Manuel Maia Cabrita.

Em LISBOA — a sr.ª D. Aurélia da Silveira Coelho, de 72 anos, natural de São Brás de Alportel, casada com o sr. José António Bandeira Júnior.

a sr.ª D. Antónia Maria Lopes Glão, de 70 anos, natural de Faro, casada com o sr. José de Sousa Glão.

o sr. José Manuel Gregório Martins, de 29 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Ana Neto Prata Martins, filho da sr.ª D. Ivone Albertina Gregório, e do sr. José Maria Martins.

o sr. Manuel da Silva Brito Neto, de 75 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Lucília das Dores Figueiras Mascarenhas, pai das sr.ªs D. Maria Fernanda Mascarenhas Neto Góis, D. Lucília Teresa Mascarenhas Neto Almeida Carrapato, D. Maria de Lurdes Mascarenhas Neto Firmino da Costa e do sr. José Manuel Mascarenhas Neto.

a sr.ª D. Josefa dos Santos Pacheco, de 82 anos, natural de Odeceixe, Aljezur.

o sr. José da Silva, de 66 anos, natural de Portimão, aposentado da Marinha Mercante, casado com a sr.ª D. Maria Catarina Palma da Silva.

a sr.ª D. Ilda Paula Simões dos Santos, de 76 anos, natural de Portimão, mãe da sr.ª D. Beatriz Simões dos Santos Costa e do sr. António José dos Santos.

o sr. António Martins Lag-

Vítimas de acidentes de viação

Junto ao mercado de Olhão, uma furgoneta conduzida pelo sr. António Colaço Pereira, residente em Vila Real de Santo António, colheu o sr. Manuel dos Santos Lemos, de 60 anos, solteiro, que morava na Rua Ataíde de Oliveira, na Vila Cubista. Conduzido ao hospital, o infeliz chegou ali já morto.

No sítio dos Cavacos (E. N. 125), um automóvel conduzido pelo sr. Joaquim Rui da Conceição Bom, de 26 anos, natural e residente na Fuseta, negociante de peixe, derrapou, ao que se supõe devido a excesso de velocidade, e foi embater numa parede. Ao lado do condutor seguia sua esposa, sr.ª D. Joaquina Maria da Conceição Carlos, de 24 anos, também natural da Fuseta, que teve morte imediata. O condutor ficou internado no Hospital de Faro.

Comícios da Frente Eleitoral Comunista (M. L.)

A secção concelhia de Vila Real de Santo António da Frente Eleitoral Comunista (M. L.) realizou comícios naquela vila, na penúltima sexta-feira e em Tavira no domingo.

O da Vila Pombalina decorreu no Cine-Foz e nele usaram a palavra seis oradores, entre eles o candidato a deputado António Vicente, que explicaram os motivos que levam o partido às eleições, aludiram a questões sindicalistas, ao «imperialismo americano», ao «social imperialismo soviético», às «tarefas actuais da classe operária» e à exploração capitalista.

O comício de Tavira decorreu de tarde ao ar livre, no jardim público, por o partido não ter verba para o aluguer de uma sala, tendo os mesmos oradores abordados os temas que definem a acção do partido. Em ambos os comícios foram ouvidas canções revolucionárias.

Hoje, às 21 horas, a F. E. C. promove no Cinema Mariani, em Castro Marim, nova sessão de esclarecimento, e outra amanhã em Monte Gordo, às 16 horas, no Cinema Mariani.

AGENDA

na, de 73 anos, natural de Loulé, pai da menina Isabel da Conceição Nascimento Laginha, estudante, irmão das sr.ªs D. Maria das Dores Laginha Duarte e D. Rosa Martins Laginha Duarte, e do sr. Manuel Martins Laginha.

As famílias enlutadas apresenta o *Journal do Algarve*, sentidos péssimos.

Lotas

De 20 a 24 de Março

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

TRAINEIRAS :	
Pérola do Guadiana	53 180\$00
Apóstolo S. João	39 370\$00
Cajú	28 765\$00
Isabel Sardo	23 390\$00
Norte	8 330\$00
Leste	8 180\$00
Total	161 215\$00

ALADORES PURETIC

De 21 a 25 de Março

OLHÃO

TRAINEIRAS :	
Princesa do Sul	320 370\$00
Conserveira	142 300\$00
Pérola Algarvia	97 500\$00
Costa Azul	85 715\$00
Diamante	73 700\$00
Arda	40 480\$00
Garotinho	21 610\$00
Restauração	19 250\$00
Ponta do Lador	17 530\$00
Amazona	11 480\$00
Ilha de Sonho	1 180\$00
Total	831 115\$00

BELLATRIX ESPECIAL

Alimentação Transistorizada

De 19 a 25 de Março

QUARTEIRA

Artes diversas	376 707\$00
--------------------------	-------------

Um barco russo descarregou sardinha em Faro

Aportou a Faro com um carregamento de 260 toneladas de sardinha destinada a fábricas de conservas da Província, um cargueiro frigorífico da frota pesqueira da União Soviética.

A tripulação é constituída por 20 homens e 2 senhoras, incluindo o comandante. Antes de atingir Faro, o navio esteve em Lisboa e após descarregar, rumou para um porto de Itália.

Pescador algarvio morre na costa marroquina

A bordo de um bote, dois pescadores tripulantes do arrastão «Vila de Olhão», encontravam-se na faina ao largo da costa marroquina. Uma vaga alterosa voltou o bote, lançando nas águas agitadas os dois marifins. Um pôde ser salvo e o outro não mais foi visto.

Trata-se do pescador sr. António Vítor Ramos, casado, natural de Santa Luzia (Tavira) e residente na Fuseta.

Dr. Diamantino D. Baltazar

Médico Especialista

DOENÇAS E CIRURGIA

dos Rins e Vias Urinárias

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras a partir das 15 horas

Consultório:

Rua Baptista Lopes,

30-A - 1.º Esquerdo

FARO

Telefones { Consultório 22013

Residência 24761

Serviços Agrícolas no Algarve

Tornando-se necessário assegurar a coordenação e dinamização dos serviços agrícolas regionais no Algarve, e a sua efectiva ligação com os serviços centrais da Secretaria de Estado da Agricultura, foi nomeado, por despacho do secretário de Estado da Agricultura, para as funções de coordenador da Sub-região Algarve da Região Plano Sul, o eng. agrónomo Gabriel Guerreiro Gonçalves, da Estação Agrária de Tavira.

JORNAL DO ALGARVE — N.º 940 — 29-3-75

Mutualidade Popular Associação de Socorros Mútuos

SEDE — FARO

1.ª PUBLICAÇÃO

Perante a Direcção da Mutualidade Popular, Associação de Socorros Mútuos com sede em Faro, correm éditos de trinta dias a contar da data da segunda publicação deste anúncio, para habilitação ao legado de sobrevivência e respectivos ranteios, no montante de onze mil trezentos setenta e nove escudos e trinta centavos, deixado pelo sócio n.º 5 244 — senhor António Gonçalves Café, que foi proprietário, residente no sítio do Serro do Ouro, freguesia de Paderne, concelho de Albufeira, aonde faleceu em 16 de Janeiro, passado.

São por este meio convidados todos os interessados a requerer dentro do prazo designado, o que julgarem de seu legítimo direito.

Pela Direcção

O Presidente,

Joaquim da Rocha Peixoto Magalhães

ALCANTARILHA AGRADECIMENTO

MATEUS MARTINS SEQUEIRA

Sua mulher e filhos na impossibilidade de agradecerem pessoalmente, por descomentado de moradas, vêm por este meio agradecer a todos que o acompanharam a sua última morada, ou que de qualquer forma manifestaram o seu pesar.

Demonstre o seu carinho com prendas

«CARAVELA»

CARAVELA

Vila Real de Sto. António

ONZE DE MARÇO: O capital não quer colaborar

Em 11 de Março voltou-se mais uma página da história de Portugal. Foi mais um dia de luta, mais uma tentativa de forças reaccionárias no sentido de tomarem de novo o poder político, pois o económico continua nas suas mãos. Não o perderam e não se sabe quando tal acontecerá.

O onze de Março foi data que não pode ser mais uma e deve ser transformada em ponto de partida para o avanço do processo revolucionário, que tem que ser notado na prática e não nas palavras.

«O povo vencerá», foi dos muitos gritos que soaram no Rossio, um dos muitos gritos que esse mesmo povo sentiu como o seu grito e como uma necessidade.

Mas quando é que o povo vencerá? Só pode haver uma verdadeira vitória do povo quando pertencer ao povo tudo o que ele produz, quando acabar a exploração.

O onze de Março veio dizer-nos que o capital não quer colaborar, que ou a burguesia nos esmaga ou nós esmagamos a burguesia. Que o fascismo continua vivo aqui! Por tudo isto, é urgente, mesmo bastante urgente, que cerremos fileiras e esmaguemos de uma vez por todas a besta do fascismo, que

mantenhamos forte e consciente vigilância revolucionária, que matemos de uma vez por todas o fascismo!

Por tudo isto, é urgente, o saneamento no aparelho de Estado, nas Forças Armadas, e que iniciemos uma verdadeira batalha anticapitalista!

O onze de Março veio mostrar-nos quão utópico é pensar em reconciliar os interesses dos trabalhadores com os interesses dos patrões. O onze de Março veio mostrar-nos que a luta que aqui se trava é uma luta de classes e que não pode haver intermédios.

Desde o 25 de Abril, já presenciámos diversas tentativas do capitalismo (da reacção) para impedir o avanço do processo revolucionário em Portugal, e certamente não ficaremos por aqui. Os métodos utilizados têm vindo a evoluir, no que diz respeito a violência, começaram por propostas parlamentares, passaram para tentativas de divisionismo no seio das F. A., passaram para a rua com a terrível «maioria silenciosa» e, desta vez, utilizaram forças militarizadas, bombardearam, mataram, destruíram. Na verdade, mais uma vez foram aniquilados, mas, como será para a próxima?

Um processo revolucionário, para avançar, tem que ser com actos. Esperemos que o dia 11 sirva de exemplo, e que daqui para o futuro, a palavra de ordem «pelo avanço do processo revolucionário», se transforme em actos.

11-3-75

Sousa Pereira

Nota: Como se sabe, o Conselho Superior da Revolução nacionalizou, em 13-3-75, todos os bancos nacionais, medida que, na verdade, muito irá contribuir para o avanço da revolução socialista em Portugal. Com o facto congratulam-se todos os trabalhadores, todos aqueles que ficaram furtos de 48 anos de exploração. — S. P.

Roubos em Olhão e Santa Bárbara de Nexe (Faro)

Em Olhão, larápios assaltaram, por meio de arrombamento, o supermercado Portas de Ferro, e tentaram arrombar um cofre ali existente, de metro e meio de altura e mais de 600 quilos de peso, depois de o haverem retirado para o centro do estabelecimento.

— Na rua Ramal da Câmara, arrombaram um automóvel pertencente ao sr. Basílio José Justo, marítimo, roubando-lhe o aparelho de rádio e várias cassetes e provocando danos no veículo.

A G. N. R. capturou José Mendes de Jesus, de 38 anos, morador no Quintalão do Romão, na Rua 18 de Junho, autor de vários furtos ali ocorridos e ainda do assalto a uma residência na vizinha povoação da Fusetta, de onde furtou um televisor, aparelhagem de rádio e eléctrica, no valor superior a uma dezena de contos.

— Em Santa Bárbara de Nexe, três homens mascarados e armados assaltaram uma casa onde moram o sr. José André Fonseca e sua filha.

Intimidado por disparos para o ar, o dono da casa entregou aos assaltantes dinheiro e jóias no valor de dezenas de contos. Não satisfeitos, perguntaram ainda à filha o que era feito dos 200 contos que ela teria levantado de um estabelecimento bancário, o que ela negou ter feito.

Puseram-se depois em fuga, depois de manietarem os roubados numa dependência da casa.

Luz eléctrica na Conceição de Tavira

Foi prorrogado até 31 de Dezembro o prazo fixado à Federação de Municípios de Faro para conclusão da obra de electrificação de diversos lugares da freguesia de Conceição de Tavira.

Vende-se na vila de Olhão

Um conjunto de armazéns com logradouro e três frentes com a área total de 5 275 metros quadrados.

Resposta ao Apartado n.º 10 — Olhão.

Gralke e Hüttermann - Estaleiros de Construção Naval, Lda.

Certifico que, por escritura de 20 do corrente mês, lavrada a fl. 3 do livro n.º 198-C do 15.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Aurélio Assis Ferreira, foi constituída entre o engenheiro Karl Heinz Gralke e engenheiro Theodor Aloysius Hüttermann uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob as cláusulas e condições constantes dos estatutos a seguir copiados na parte que, para aquele efeito, interessa.

1.º

A sociedade adopta a denominação Gralke e Hüttermann — Estaleiros de Construção Naval, Lda., e tem a sua sede na Rua de Gil Eanes, 14 e 18, freguesia, vila e concelho de Olhão.

2.º

O início da sociedade conta-se a partir da data de hoje e não pode ser dissolvida nos primeiros vinte anos. A partir dessa data, a duração da sociedade é por tempo indeterminado se nenhum dos sócios exigir, com uma antecedência de seis meses, a sua liquidação.

3.º

O objecto da sociedade é a montagem de um estaleiro para a construção de barcos desportivos de todos os tipos, bem como o exercício de todas as actividades relacionadas com os desportos náuticos, em especial, aluguer, venda de acessórios e montagem de uma marina.

4.º

1 — O capital social é de 3 000 000\$00 e encontra-se representado e dividido por duas quotas iguais, pertencendo uma a cada sócio.

2 — Cada sócio realizou a quota respectiva, devendo realizar a parte restante, de 750 000\$00, até 31 de Dezembro de 1975.

5.º

1 — A administração da sociedade e a sua representação em juízo ou fora dele ficam a cargo do gerente.

2 — Para obrigar a sociedade é suficiente a assinatura de um gerente.

3 — Fica desde já nomeado gerente o sócio Theodor Aloysius Hüttermann, com dispensa de prestar caução.

6.º

1 — Enquanto se mantiver o presente pacto social, os sócios não poderão participar com capital ou desempenhar funções consultivas noutras empresas do mesmo tipo, quer pessoalmente, quer por intermédio de outras pessoas.

2 — O sócio gerente não poderá exercer qualquer actividade noutras sociedades.

7.º

Os gerentes não poderão praticar actos estranhos aos fins da sociedade.

8.º

As decisões das assembleias gerais deverão ser tomadas por unanimidade. Em caso de desacordo entre os sócios, estes escolherão um

árbitro. Caso se verifique discordância relativamente à nomeação do árbitro, ou no caso de um dos sócios não querer aceitar a decisão do mesmo, será convocado um tribunal arbitral.

9.º

Os balanços deverão ser elaborados anualmente, fechados em 31 de Dezembro de cada ano e apresentados pelo gerente.

10.º

As assembleias gerais serão convocadas mediante carta registada, dirigida aos sócios com uma antecedência de quinze dias. As cartas serão enviadas para as moradas dos sócios que constarem do registo comercial.

11.º

O lucro anual, após a retirada de 5% para as reservas legais, será distribuído pelos sócios na proporção das respectivas quotas.

12.º

1 — Em caso de venda de quotas, ou parte de quotas, os demais sócios têm direito de preferência na aquisição.

2 — No caso de um dos sócios querer ceder a sua quota, ficará obrigado a notificar o outro sócio, por meio de carta registada com aviso de recepção, a fim de este poder exercer o seu direito de preferência.

13.º

Em caso de falecimento de um dos sócios, a sua quota passará para os seus herdeiros legais.

14.º

1 — A sociedade pode amortizar a quota de qualquer sócio em caso de penhora ou execução, sem que para tal seja necessária autorização do sócio.

2 — Salvo disposição em contrário, o preço da amortização será o valor nominal da quota, acrescido da quantia correspondente relativa a reservas na sociedade e à parte dos lucros, calculada de acordo com o último balanço apresentado pelo gerente.

3 — O preço da amortização será pago, no prazo de seis meses, em quatro prestações iguais.

4 — Considera-se a quota amortizada, quando o título correspondente à amortização, bem como o recibo da última prestação ou documento comprovativo do depósito legal da mesma, for entregue.

É certidão de narrativa e cópia de teor parcial, que vão conforme ao original, nada havendo em contrário ou além dele.

15.º Cartório Notarial de Lisboa, 23 de Janeiro de 1975.

A Ajudante,

Artemisia da Conceição
Milheiro

FUNÇÕES DA COMISSÃO NACIONAL DAS ELEIÇÕES

A Comissão Nacional das Eleições nomeada em 26 de Fevereiro pelo decreto n.º 85-B/75, tem funções bem definidas por lei e constitui um órgão à margem e acima da Administração Pública e dos Partidos Políticos. A sua finalidade fundamental é disciplinar o acto eleitoral.

Da composição inicial foram excluídos os representantes dos partidos políticos por decisão do Conselho de Revolução.

A fim de esclarecer o eleitorado, julga-se conveniente referir as suas funções, definidas no Decreto-Lei 621-C/74 de 15 de Novembro.

1. Registrar as coligações e frentes de partidos para fins eleitorais (alínea a do art.º 16.º):

A Comissão Nacional das Eleições compete registrar a denominação, sigla e símbolo das coligações ou frentes que os partidos concorrentes às eleições houvessem determinado constituir.

2. Promover o esclarecimento objectivo dos cidadãos, através dos meios de comunicação social, acerca do acto eleitoral (alínea b) do art.º 16.º):

Este esclarecimento já vinha sendo feito, desde os fins do ano passado, pelo Grupo Coordenador de Divulgação do Ministério da Comunicação Social, para o que utilizou a Radiotelevisão Portuguesa e a Imprensa na divulgação das operações do recenseamento e do próprio sufrágio, sendo de apontar o filme que a Televisão tem vindo a exibir sobre o que irá ser o acto eleitoral.

A Comissão Nacional das Eleições promoverá oportunamente outros esclarecimentos, sendo já o presente artigo um deles.

3. Assegurar a igualdade efectiva de acção e propaganda das candidaturas durante a campanha eleitoral (alínea c) do art.º 16.º):

Será esta a função primordial da Comissão Nacional das Eleições. Aos partidos concorrentes à Assembleia Constituinte deverá ser assegurada a igualdade de tratamento e de possibilidades para divulgarem as suas ideologias, os seus propósitos, os seus programas de acção, de forma a que todos os eleitores os possam apreciar, comparar e julgar, em ordem a escolherem criteriosamente qual deles é que, em sua opinião, melhor servirá os interesses do país.

4. Registrar a declaração de cada órgão de imprensa relativamente à posição que assume perante a campanha eleitoral (alínea d) do art.º 16.º):

Os jornais e revistas poderão inserir matéria respeitante à campanha eleitoral mas, neste caso, ficam obrigados a conceder a todos os partidos o mesmo tratamento, não lhes sendo permitido, portanto actos discriminatórios que beneficiem ou prejudiquem um ou mais partidos. Assim e porque se admite que alguns jornais se não queiram sujeitar a esta imposição, é obrigatório, por lei, que aqueles que quiserem publicar propaganda eleitoral o comuniquem à Comissão Nacional das Eleições.

5. Designar delegados nas sedes dos círculos eleitorais (alínea e) do art.º 16.º):

A Comissão Nacional de Eleições nomeia em cada distrito do Continente e Ilhas Adjacentes, ou seja em cada círculo eleitoral, um ou dois seus representantes cujas funções foram divulgadas. Estes delegados instalam os seus serviços nas sedes dos respectivos Governos Cívicos.

6. Propor ao Governo a distribuição dos termos de emissão na Rádio e na Televisão, entre os diferentes partidos (alínea f) do art.º 16.º):

Dado que a Radiotelevisão Portuguesa e a Rádio, oficial ou particular, são os meios de comunicação mais importantes, é evidente impor-se uma programação rígida e muito equitativa para a propaganda política dos vários partidos, de forma a evitar que qualquer deles se possa utilizar de modo exclusivo ou predominante, de uma estação de Rádio ou da Radiotelevisão Portuguesa em prejuízo dos outros. A utilização da Televisão e Rádio em situação de igualdade

e proporcionalmente ao número de candidaturas, pelos partidos é pois objecto de estudo da Comissão Nacional das Eleições.

7. Decidir os recursos que os mandatários das listas e os partidos interpuserem das decisões do Governador Civil relativos à utilização de salas de espectáculos e recintos públicos (alínea g) do art.º 16.º):

Os Governadores Cívicos indicarão os dias e horas atribuídos a cada partido para utilização de salas de espectáculos e recintos públicos, em sessões de propaganda. Caso haja discordância em relação a essa decisão, poderão os mandatários das listas de candidatos apresentados pelos partidos, recorrer para a Comissão Nacional das Eleições que decidirá em última instância.

8. Apreciar a regularidade das receitas e despesas eleitorais (alínea h) do art.º 16.º):

Os partidos são obrigados a contabilizar todas as suas receitas e despesas relativas às candidaturas e campanha eleitoral, sendo vedada a aceitação de quaisquer contribuições pecuniárias provenientes de empresas nacionais ou de indivíduos, ou empresas, ou organizações estrangeiras ou não.

A Comissão Nacional das Eleições compete fiscalizar a boa regularidade desta contabilização.

9. Elaborar o mapa do resultado nacional da eleição (alínea i) do art.º 16.º):

Concluída a votação, no dia das eleições, são os votos contados em cada assembleia de voto (freguesias) e os resultados enviados aos Governadores Cívicos; aqui far-se-á o apuramento geral do círculo (distrito) eleitoral e os resultados enviados à Comissão Nacional das Eleições.

A Comissão, de posse de todos os elementos, elaborará um mapa (a publicar no Diário do Governo), donde constará, por círculo e totais,

— o número de eleitores inscritos,

— o número de eleitores que votaram,

— o número de votos em branco ou nulos,

— o número e percentagem de votos atribuídos a cada partido,

— o número de mandatos (ou seja lugares na Assembleia Constituinte) atribuídos a cada partido,

— o nome dos respectivos Deputados eleitos.

Estas são as funções da Comissão Nacional das Eleições, assim se procurando que os eleitores sejam esclarecidos com isenção e objectividade e possam decidir-se pelo partido político que julgue melhor servir os interesses do Povo Português.

Encontrado morto

Foi encontrado no Patacão, subúrbios de Faro, com um arame em volta do pescoço e dependurado de uma árvore, o sr. Hélder Lázaro Fernandes, de 29 anos, residente no Beco do Castelo, 9, naquela cidade. Ainda foi levado ao hospital mas nada havia a fazer.

Jovem de Olhão que desaparece

De casa da família, no bairro da Cavalinha, em Olhão, desapareceu Rogério dos Reis Viegas, de 19 anos, pedreiro, de estatura média, cabelo e olhos castanhos e com falta de um dente da frente. Vestia calças azuis-escuras e blusa castanha.

A família agradece informação sobre o seu paradeiro, que poderá ser enviada para a G. N. R. de Olhão.

**FAÇA FÉRIAS
PORTUGUESAS
durante todo o ano**

MADEIRA

PARTIDAS DIÁRIAS DE LISBOA, FORTO E FARO

VIAGENS DE FIM DE SEMANA
OU UMA SEMANA

PREÇOS DESDE 2.490\$

(LEVANDO OS SEUS FILHOS
BENEFICIARÁ DE GRANDES
DESCONTOS)

PAGUE SUAVEMENTE COM CREDI-STAR
INFORME-SE E
INSCREVA-SE

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESAS
Lisboa - Estoril - Porto - Funchal - Loulé
R. CONSELHEIRO BIVAR, 36
TELEF. 23986 - FARO

Contabilidade - Soconta

Organizações Contabilísticas

— Montagem e actualização de escritas dos grupos A/B/C.

— Consultas, Estudos e Planificações.

— Contribuições, Impostos e Pareceres Fiscais.

Rua Padre António Vieira, 145-2.º Dt.º — LOULÉ

Contacte-nos e peça informações

HORTA NO ALGARVE

Precisa-se casal capaz para tratar de propriedade com 1 hectare, com dependência e casa, electricidade, árvores várias de frutas, água bastante e acesso fácil, local tranquilo, próximo do Livramento, a 10 kms de Olhão. Possibilidade também de arrendamento. Resposta a este jornal ao n.º 260/75.

Felisberto E. Correia

— TÉCNICO DE CONTAS —

(Inscrito na D. G. C. I.)

Assistência e Responsabilidade Técnica de Contabilidades do Grupo A

Montagem e Supervisão de Escritas de todos os Ramos de Actividade

Pareceres Contabilísticos — Orientação Fiscal

Gabinete — Largo D. João II, 36-1.º — Telef. 23643

Residência — Rua Alexandre Herculano, 142

Telef. 23430

PORTIMÃO

O TURISMO SOCIAL

(Conclusão da 1.ª página)

era possível, baseando-se num câmbio favorável ao turista, que vinha, de certo modo, a explorar o subdesenvolvimento. E é aqui que têm nascença os germes da primeira crise. Trazendo consigo a criação de empregos, o desenvolvimento, e o consequente aumento de nível de vida, num prazo que seria certamente computável, deixaria essa vantagem cambial de jogar em favor do visitante, da mesma maneira que antes. Essa primeira crise já fazia prever, num espaço de dez anos, o fecho de centenas de hotéis, na Costa Brava, na nossa vizinha Espanha. Tal crise já era de molde a que nos precavéssemos e que procurássemos medidas para debelá-la. De imediato, seria lançar as bases de um turismo nacional, porque incluiria uma nova política de todos os sectores da produção, nomeadamente, no domínio salarial como consequente aumento da produtividade, da pesquisa em outros campos de acção, de métodos de organização, da reestruturação de uma mentalidade. Estivéssemos falando fosse de que domínio fosse, este aspecto globalista e interpenetrativo de cada sector seria realçado, o que vem demonstrar de maneira inequívoca a necessidade urgente em que nos encontramos de não podermos descurar, em cada campo de acção, as suas implicações com os outros que se justificam e do qual estão dependentes. O bom funcionamento de cada órgão está dependente do bom funcionamento dos mais próximos e afastados componentes do corpo unitário que os liga, que os forma, e dos quais ele é a imagem de representação e o resultado. Urgência há, portanto, em que os nossos quadros, os nossos empresários, os nossos dinamizadores, se autodisponham a este estado de espírito. Conceber cada empresa, cada organismo, cada repartição, como uma função colectiva, em que todas as peças laborando, se têm de encontrar o mais próximo possível da optimização, atribuindo a máxima importância às preocupações humanas, às aspirações, ao bem-estar que cada um procura. Trabalhos de pesquisa sobre as relações humanas são tecnocraticamente até, mesmo sob a estreita visão do lucro pelo lucro, indispensáveis para se conseguir o desenvolvimento da riqueza e os métodos futuros de a produzir.

Mas falámos de uma primeira crise. Mal se começavam a sentir os efeitos dessa primeira crise, muito previsível e a que chamaríamos de crescimento, eis que começam a despontar os sinais de uma muito mais profunda, tão profunda, tão geral, tão importante para o futuro da humanidade, que todos os sectores se recusam a encará-la. A política de «avestruz» só terá como efeito o retardamento de uma adaptação a novas circunstâncias, deixar-nos-á na nossa habitual atitude acrítica, sem que nos tenhamos preparado para outras formas de actuação, para não ficarmos sempre na dependência do que acontece, numa atitude de sujeição e de sobrevivência, quando a projecção das sociedades e dos povos se faz unicamente na sua acção viril e ousada em cima dos acontecimentos. Viver é prever. Poderão estas considerações parecer deslocadas na matéria que aqui nos ocupa, mas já foi dito atrás, que não há sectores fechados sobre si mesmos, sobretudo porque a crise que estamos a apontar é uma crise mundial, que vai, à maneira de um sismo, alterar todo o universo vivencial em que comodamente e egoístamente nos instalámos. Estamos perante uma alteração profunda da civilização; novas ideais, novas formas de vida vêm ao nosso encontro pela mão daqueles que há séculos as iam apontando. Como querem os senhores, esses que estou a ouvir

dizer que nada disto tem a ver com o turismo, pôr-se à parte desse processo, considerar-se um campo de elite, como se têm até aqui, cegamente, considerado?

Os hotéis fecham, os fluxos internacionais de turistas já não cruzam as fronteiras do ar, do mar, e da terra, e esses senhores nada fizeram para saber do que se passava, nada fizeram para estabelecer uma política turística projectada no futuro, que pudesse trazer à nossa situação vindoura, os elementos favoráveis de que, como povo, vamos precisar. O que está em jogo, agora, não são os lucros imediatos do pequeno empresário do barracão malcheiroso da praia, ou do grande trust, igualmente falho de visão, mas sim o futuro de um corpo social, e o primeiro passo é o da moralização da indústria turística, e daqueles que nela trabalham, a todos os níveis.

Se uma das soluções que se apresentam, sobretudo após as alterações que se produziram na sociedade portuguesa, é a de um desenvolvimento do turismo social, o estabelecimento das suas primeiras linhas de trabalho implica por si, uma outra atitude de espírito, que ponha de parte todos os oportunismos, que liberte a actividade turística de certos antros que no turismo só viram as empresas de luxo, estereofónicas, albergando a alta burguesia nacional e internacional, fomentadora de criados de luxo para as classes burguesas, fazendo do país um fornecedor de novos servos, aliás satisfeitos da sua situação. Esqueceu-se que se o turismo era uma indústria, ele era basicamente o meio mais eficaz de contacto entre as populações do mundo, portanto de uma troca de pensamentos, de sentimentos superiores, na única vez na história da humanidade em que as avalançadas humanas se sucedem com intuitos pacíficos.

Se é isto o turismo, e é, parecem-nos evidente que o caminho a seguir vai paralelo com as transformações atrás ensaiadas, e com a evolução que se apresenta à nossa sociedade nacional. Essa evolução, que vai no sentido de uma aptidão nacional à prestação de serviços, à íntima aproximação com os povos, abre-nos largas perspectivas com os povos do terceiro mundo, e é neste domínio que o turismo social alcança toda a sua dimensão. Abertura a todas as novas nações que falam a nossa língua, abertura a todos os povos de quem estamos separados, temos aqui um campo vastíssimo, em que o turismo deixa de ser a actividade friamente industrial a que foi conduzido, para se tornar uma imensa estrutura de acolhimento e fraternidade internacionais.

Necessária é, pois, uma política ao nível nacional em que estas premissas constituam o ponto de partida, a ideologia de acção. Assim, torna-se urgente reclassificar métodos e pessoas. Se esta exposição peca por falta de propostas concretas, no capítulo específico que nos propúnhamos tratar, é porque nos parecem essas propostas mais indicadas para reuniões de trabalho, em que os especialistas nos seus domínios próprios, elaborarão as acções mais adequadas e eficazes. O importante, parece-nos, seria tentar estudar uma ideologia que não se situa no campo da filosofia, como certamente muitos estarão pejorativamente a cognominar este breve estudo, mas que é, rigorosamente, todo um vasto plano de reorganização de uma indústria cuja influência na vida nacional não é exprimiável por adjectivos, e cuja importância no contexto das realidades universais, será provável a breve trecho.

Deodato Santos

SERVICE OFICIAL DIESEL
BOSCH — CAV — SIMMS
MÁQUINAS ELECTRÓNICAS
PESSOAL ESPECIALIZADO
EXECUÇÃO RÁPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO
DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405
PORTIMÃO

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

popular nos meios de trabalho, quantos negócios escuros não se fizeram, incluindo o tráfego ilícito de numerário.

Os exilados políticos de alguma coisa vivem. As amizades não chegam; há que pensar noutros processos evidentes de recurso: até os empregos. Mas enquanto estes não surgem, os tais fundos de auxílio, as tais cadeias de solidariedade, as associações que sempre protegem os elementos reaccionários aparecem por obra e graça de quem?

E assim vemos que alguns dos exilados políticos — sem dúvida os mais responsáveis — levam no Brasil uma vida agradável sem problemas. Américo Tomás, Marcelo Caetano e agora António de Spínola acabam por retomar sem problemas o ritmo da existência, deixando atrás de si uma série de perturbações e dificuldades de toda a ordem. E enquanto se anuncia que Spínola tem à sua disposição a luxuosa vivenda do seu amigo Carlos Lacerda em estância de veraneio próximo do Rio de Janeiro, numerosos portugueses continuam a lutar com problemas de sobrevivência. Inclusive pretende-se resolver o grave problema dos «bairros das latas».

Para lá de todas as questões de ordem política, permanece evidente esta outra de ordem moral e social que fica por resolver. E evidente e injusto que assim suceda, mas já nos vamos habituando a este dramático panorama. Enquanto não for anunciado um castigo realmente severo para todas estas figuras que tratam os interesses do seu povo depois de processos judicialmente organizados e públicos, é natural que a nação continue a interrogar-se. Afinal são nume-

rosos os presos já em três fases: 25 de Abril, 28 de Setembro e 11 de Março. A primeira já lá vai um ano... E o julgamento que se aguarda continua por fazer. Não só o regime fascista não foi ainda ao banco dos réus (não chega o desmantelamento da Pide/DGS), como os golpes da reacção continuam por esclairecer. Não falamos do último ainda recente, mas pelo menos o de Setembro já tinha tempo de ser denunciado em toda a sua verdade. Quem sabe, mesmo, se esse silêncio não originou parte da força que pretendia agora tomar o poder. Pelo menos há figuras comuns.

Mateus Boaventura

Mobília

de casa de jantar, estilo americano, em bom estado — VENDE-SE.

Resposta a este jornal ao n.º 217/75.



Viva despreocupado

Empregue o seu capital

Cesário & C.ª, Lda.

EXISTE PARA O SERVIR
Vende, compra e troca

MORADIAS
ANDARES
APARTAMENTOS

em regime de propriedade horizontal
Encarrega-se de todos os contactos com inquilinos

Sede: Rua José de Matos, 33

Telefs. 26216 ou 25998 de FARO

Barcos de pesca e recreio à vela e a motor em poliéster reforçado com fibra de vidro



Construídos por:

APM

R. Convento da Sr.ª da Glória, 25
Telef. 63179 — LAGOS

ESTANTES PRÁTICAS, MODERNAS E DECORATIVAS !



Forme estantes com MULTIFORME

Para cada problema uma solução!

Estas soluções são apenas um número limitado de exemplos de aplicação do sistema de estantes MULTIFORME. Dê largas à sua imaginação na certeza de encontrar uma fórmula prática, económica e atraente de resolver os seus problemas de espaço e decoração.

Um produto de:



IRAL-INDUSTRIAS E COMERCIO METALOMECAÑICOS, S.A.R.L.

Telefones 52160 — 52161 • Telegramas IRAL • OLIVEIRA DO HOSPITAL • Portugal
Av. Santos Dumond, 47 r/c B • Telefones 779115-764652 • Lisboa 1

Av. Fernão de Magalhães, 642 • Coimbra
Rua Faria de Guimarães, 526 • Telefone 488141 • Porto

Agente no Algarve:

BARRANQUIRO & ESTEVÃO — Av. da República, 210 — Oihão

Constituiu grande manifestação de pesar o funeral do jovem fusetense morto tragicamente em Setúbal

Para o cemitério da Fusetta, com passagem por Setúbal, realizou-se o funeral do jovem João Manuel Fernandes Lopes, operário da construção naval da «Gáslimpo», membro da Comissão de Trabalhadores da «Setenave» e que ao sair do Café Esperança, da capital sadina, fora morto a tiro durante os graves incidentes ali verificados.

Natural da Fusetta, o João Manuel Fernandes Lopes, que contava 20 anos, era filho do sr. Emílio Reis Lopes e de D. Emília Rita da Conceição, já falecida. Muito estimado e conhecido, estudou nas escolas de Oihão e de Faro, sendo a sua trágica morte grandemente sentida por toda a população, que em massa acorreu a aguardar o corpo à entrada da povoação, assim sucedendo também em várias outras localidades, ao longo da estrada.

A entrada da Fusetta, a urna foi retirada do carro militar e conduzida aos ombros por colegas de trabalho, que em larga representação o acompanharam desde a capital até à sua terra.

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE VILA REAL
DE SANTO ANTÓNIO

Anúncio

Faz-se saber que no dia 8 de Abril, próximo, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, na Execução de Sentença 85-B/72 que António Romão move contra Manuel Joaquim e mulher, todos residentes em Monte Novo-Cacela, hão-de ser postos em praça, pela 2.ª vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima de metade do valor matricial de cada prédio e que adiante se indicam, penhorados aos executados:

- 1.º Uma courela de terra, no lugar da Silveira — Azinhal — Castro Marim.
- 2.º Uma courela de terra, no lugar da Amendoeira — Azinhal — Castro Marim.
- 3.º Uma courela de terra no mesmo sítio da Amendoeira.
- 4.º Uma courela de terra no lugar do Monte dos Campeiros — Castro Marim.
- 5.º Uma courela de terra no lugar do Barranco Grande — Castro Marim.
- 6.º Uma courela de terra no lugar da Carrapateira — Conceição — Tavira.
- 7.º Uma courela de terra no lugar da Atabúia — Cacela — Vila Real de Santo António.
- 8.º O direito a 1/2 de uma courela de terra de várzea, no lugar da Garcia — Azinhal — Castro Marim.
- 9.º O direito a 1/2 de uma courela de várzea, no mesmo lugar.
- 10.º O direito a metade numa courela de terra no lugar da Corte da Quaresma — Azinhal — Castro Marim.
- 11.º O direito ao usufruto que os executados têm numa courela de terra matosa, no lugar da Corte António Martins — Cacela.
- 12.º O direito ao usufruto que os executados têm numa courela de terra no mesmo lugar de Corte António Martins.

15-3-75

VERIFIQUEL

O Juiz de Direito,

a) Luís Flores Ribeiro

O Escrivão de Direito,

a) Américo G. Correia

VENDE-SE EM MÉRTOLA

Prédio, com superfície de 363 m² e área descoberta de 98 m².

Terreno próximo ao mesmo, com 1 750 m à entrada da Rua Alves Redol (estrada do Algarve).

Servindo para qualquer ramo de negócio.
Inf.: sr. Rodolfo Santos.

ALUGA-SE

Na Praia da Rocha apartamento mobilado. Ao mês ou ao ano.

Dirigir ao telef. 24617 — PORTIMÃO.

CARTAS à Redacção

Segunda carta aberta ao sr. António Dias de Sousa Correia, a propósito do artigo «S. Brás de Alportel 74»

(Continuação do n.º anterior)

Será imodéstia, mas nunca me faltou assunto. E, confesso, sobre a sua vida oficial e da sua equipa, mas sobretudo sobre si, tenho bagagem para muitos artigos, pode ter disso a certeza absoluta. Quem o informou se o jornal é pago ou gratuito? Isso é dedução de lavatório, de comadres que ralham e dão à língua enquanto lavam a trapagem suja. Eu sou capaz de lhe provar que o senhor, comerciante e calculista como é, teve muitas razões de ordem pessoal para se integrar na Câmara, defendendo os interesses de ambas as partes. Estou bem informado das suas actividades. Tenho na minha família quem o senhor e os seus acólitos perseguiram odiosamente, transformando o carácter de um trabalhador honesto num traumatizado. Os senhores davam-lhe um mísero ordenado mensal, desejando matá-lo à fome e aos seus familiares, quatro inocentes crianças. Tudo fizeram para o massacrar e despedi-lo. Mas este capítulo sombrio, será tratado de outra vez, e gostaria que fosse no «Cantinho», para abrir o leque!

Como é que promoviu essa campanha de destruição e intimidação, apenas porque rebati injúrias de quem não ofendi? Mas foi-se-me o coração abaixo, e emocionou-me a patética descrição da sua vidinha desde criança. Impressiona ganhar o negro pão que o diabo amassou, nos tenros anos da adolescência além-fronteiras, sem o conforto e as carícias de uma mãe. Mas, creia, nesse capítulo o meu romance é mais dramático, o meu e o dos meus irmãos. Andámos descalços, rabiscámos alfarrobas e amêndoas, iam à lenha para cozer os tristes feijões sem temperos, rotos ou semi-nus e com a barriga a dar horas e o estômago a trabalhar em seco. Desses tempos de desgraça, nem a patrões chamo exploradores, porque as dificuldades batiam à porta de todos, exceptuando meia-dúzia de privilegiados. O senhor, apesar de tudo, não soube o que foi passar fome, noites longas que não passavam mais. O seu pai era destes lavradores remediados, tinha os seus pedações, uma caldeira de destilar, enfim os seus ganchinhos, que honradamente ganhava.

Emigrou, como emigraram outros, na demanda de melhores dias e parece que teve êxito. Arranjou o seu pé-de-meia e regressou ao torrão onde tinha as sopas garantidas. Ordenado e inteligente como é para o negócio, fez o que eu possivelmente faria, se tivesse uns patacos. Bateu a serra, arregaçou as mangas e com dinheiro à vista, no ambiente de miséria serrana, os negócios chovem como moscas. Hoje conseguiu a sua semi-reforma, como lhe chama, e tem valores à vista que o colocam como elemento preponderante dos quarenta maiores, cá da aldeia, fora aquilo que se não vê. Pois, que lhe faça muito bom proveito. Só acho estranho trabalhar até altas horas da noite, deitar-se derreado e acordar com as galinhas. Isso assim também são demasiados sacrifícios nesta época em que nunca se sabe o que vai acontecer. Está escandalizado por classificá-lo de rico, hein? Desejaria porventura inverter as posições? Mas, garanto-lhe, não queria.

Eu não o acusei de coisas que o possam envergonhar. Que pensamentos são esses? O seu passado, o presente e o futuro, dizem-lhe apenas respeito a si. Se porventura tem algo na consciência que o possa atormentar, como estamos na Quaresma, aproveite e confesse-se, que será absolvido. A sua vida particular não me interessa. Não compreendo porque a dedilha. Até admito que se tivesse telhados de vidro não poderia impunemente dar as pedradas que dá. No entanto, é corajoso, faça-lhe essa justiça. O mundo é muito perverso; por isso, quando se lança qualquer boato, será como a riqueza e santidade, metade da metade, e quantas vezes, talvez a maioria, boatiça, inveja, má língua.

Mas, sinceramente, não estou disposto a submeter os meus escritos à sua censura, não acha? Este diálogo estúpido que o senhor encetou, não vai ter mais continuação, mesmo que o senhor pretenda, como até agora, enaltecer a obra que julga ter feito no concelho, o senhor que vegetou na aparência em lugares secundários mas que movia os cordelinhos à sua real vontade. Afirma que me irá tolher o passo: naturalmente vai ser o meu polícia de segurança! Sou de opinião que a perder mais tempo será para me secundar na conquista de benesses de que o concelho aproveite. Este estéril diz tu direi eu em que me fez embrenhar, pode redundar em coisas bastante sérias, se pretender prolongá-lo. Deve compreender que o seu frenético desejo de «ficar por cima» está sujeito a muita contestação. Acabe pois, com o romance que encetou, se não, identifica-se com uma campanha orquestrada, golpeando-me a mim, quando a sua intenção é ferir outros sectores. E isto, não é? Mas eu tenho as costas estrei-

tas para receber aquilo que pretende endossar a outros. Agradeça-lhe, deixe-me em paz, pois se já disse que se fizeram mais obras, que deseja ainda?

Acalme-se, cumpra o seu dever de cidadão e de industrial. Estou certo que tudo correrá maravilhosamente, pois ninguém lhe inveja os bens que amealhou. O 25 de Abril, o 28 de Setembro e agora o 11 de Março, são datas que aproximam socialmente os trabalhadores, e como o senhor é camarada, trabalha noite e dia, ninguém terá a veleidade de se apossar dos seus prédios, da sua fábrica e das suas fazendas. Garanto-lhe que apesar de não ter um metro quadrado de terreno, preconizarei sempre o inviolável direito da propriedade privada. Cá estou vivendo, sem ambições, levantando-me às 10 horas, usufruindo largamente da legislação social (as palavras são suas) ainda do tempo da outra senhora que o senhor serviu devotadamente, e que se vê, ainda defende, pela apologia apaixonada que inseriu na sua primeira carta. E o que se chama, defendê-la com unhas e dentes! E, o senhor adivinha, vivo sem quaisquer problemas, a não ser o meu bem-estar (como o senhor também cita), explorando os padrões que tenho servido, como aconteceu consigo durante algum tempo. Conclui-se logicamente que eu sou o rico e o senhor o pobrezinho. E haverá algum são-brasense sem miolo que não acredite nas suas santas palavras, santas e inofensivas como um cordeirinho bebendo água cristalina na corrente? Não tenho dúvidas de que a posteridade lhe erguerá uma estátua ou lápida, na Câmara!

F. Clara Neves

Quem acode aos reformados da Previdência?

(Conclusão da 1.ª página)

reforma que presentemente afez, dada a alta dos preços em todos os géneros de primeira necessidade verificada desde 25 de Abril até esta data, por razões de todos conhecidos, mas que apenas têm afectado a economia dos reformados e das classes mais desprotegidas, ou seja aquelas para quem se vem pedindo, também a partir do 25 de Abril, mais justiça social, essa prometida justiça que dia a dia mais se agrava nos lares mais desfavorecidos de todas aquelas regalias indispensáveis à sobrevivência de todo o ser humano. Pois estes são, infelizmente, quase desde que fazem parte da gleba, os eternos mártires, já que o bom peixe, a melhor carne, o melhor bacalhau, a melhor manteiga, o melhor queijo, a melhor fruta, etc., etc., apenas têm sido privilégio das classes mais abastadas, desde os tempos mais remotos a esta parte.

E para maior espanto, são precisamente os mais válidos, ou seja aqueles que falam em «mais justiça social», que melhor comem e bebem, tirando com os outros, os inválidos, aqueles que os ajudaram a ser homens válidos socialmente, para um terceiro plano económico e humano.

Ora, não é com palavras bonitas e nem mesmo com promessas tamanho da légua da Póvoa, que os pobres reformados poderão ir ao mercado ou ao merceiro, mas única e exclusivamente com escudos, esses mesmos escudos que por direito já lhes são devidos por terem dado o seu contributo à sociedade, essa que agora os pretende atrair para o tal terceiro plano económico. De outra forma, eles jamais poderão competir com os que auferem 15, 20, 25 e 30 contos mensais, para apenas citarmos estes vencimentos.

Portanto, a fim de que a tal «mais justiça social» passe da palavra ao acto, convém que os reformados da Previdência sejam urgentemente olhados por quem de direito com um pouco mais de carinho e calor humano, ainda que, para tal, tenham de ser sacrificados os vencimentos do escalão má-

VENDE-SE

NO CONCELHO DE OLHÃO A CERCA DE 3/4 QUILOMETROS DA VILA

Uma propriedade mista, com casas de habitação, lagar de azeite, ramadas e dependências agrícolas, e uma área total de 35 hectares de sequeiro e regadio com bastantes arvoredos e muita água, predominando as citrinas, amendoeiras, oliveiras, alfarrobeiras, etc.

Resposta ao Apartado n.º 10 — OLHÃO.

Imparcialidade

(Conclusão da 1.ª página)

e a todos condenámos e desprezámos, primeiro com o condicionado silêncio que nos impunham, depois com a liberdade que recebemos. Mas não condenamos nem desprezamos menos, antes com mais repulsa ainda, todos aqueles que usam agora a mesma arma. O 25 de Abril é algo mais do que a inversão de papéis e situações, e há que fazê-lo sentir aos que parecem ignorá-lo ou o esquecem.

Estão neste caso, entre outros, aqueles a quem cabe a missão de informar e esclarecer. Portanto: a Imprensa apartidária (os jornais que não são propriedade de partidos políticos), a Rádio e a Televisão. E todos estes sectores informativos nos vêm dando provas de uma parcialidade

Móveis para exteriores, em fibra de vidro

Fabricantes: APM

R. Convento do Sr. da Glória, 25
Telef. 63179 — LAGOS

e espírito demagogo que, na prática, os identifica com os seus antecessores e processos.

A apologia a determinada ideologia política é evidente, e aviltante, pelo que representa de fraudulenta para um povo pouco esclarecido e despolitizado como o nosso. Em vez da informação idónea sobre a essência das várias ideologias políticas — o que permitiria um voto esclarecido e consciente — um sistema de aliciamento destinado a explorar e aproveitar, por insinuação, a confusão existente nos espíritos. Assim, multiplicam-se as entrevistas a «compadres», surgem notícias que mais parecem anúncios patrocinados, especulam-se actos, usa-se e abusa-se de certa música, levando-se ao extremo de encerrar com ela uma entrevista sobre determinada operação. Enfim, um somatório de actos que constituem um atentado à Democracia e um desrespeito pelas liberdades por que nós — os que em matéria anti apenas sabemos ser antedoutores — sempre nos batemos e lutamos.

E olhando sem querer ver mais do que a evidência nos mostra, e recordando sem querer recordar senão o que certas vozes de agora então defendiam, e fiéis aos ideais que o 25 de Abril legalizou, não podemos, ante tantos estratégias, evitar estas considerações — que não são de ódio, nem de despeito, nem de incompatibilidades ideológicas — mas de profundo desencanto, pesar e revolta.

Sabemos que o mundo vive em permanente mutação, mas o conceito de liberdade, justiça social e respeito mútuo são imutáveis em qualquer sociedade. São eles que definem o conteúdo da palavra imparcialidade! São por eles que se conhecem os HOMENS! Mesmo os de hoje!

Maria Carlota

Instalações da União Democrática Popular (U. D. P.) em Faro

Comunica-nos a U. D. P. (União Democrática Popular), que instala a sua sede na Rua Reitor Teixeira Guedes, n.º 72, em Faro (imedições do Rádio Naval). Para o efeito ocupou uma casa de há anos desabitada e que não fora declarada aos serviços camarários.

O U. D. P. estabeleceu já contactos com o M. F. A., tendo em vista a legalização da sua situação quanto à sede.

Um comunicado da Delegação do Algarve do Sindicato dos Regentes Agrícolas

Com o pedido de publicação, recebemos da Delegação do Algarve do Sindicato dos Regentes Agrícolas o comunicado que a seguir inserimos:

Perante um opúsculo-comunicado denominado «Bacharéis... sem bases», de António Corte Real, licenciado pelo Instituto Superior de Agronomia e membro do Conselho Geral da Ordem dos Engenheiros — Secção Regional de Coimbra, a delegação do Algarve do S. R. A. repudia enérgica e publicamente o mesmo, dado o seu baixo nível, nítido negativismo e demonstração de espírito elitista, por incitamento à luta de classes.

Desde já se apóia a direcção do Sindicato dos Regentes Agrícolas em todas as posições que vier a tomar, face àquele opúsculo-comunicado, desmistificando publicamente as afirmações nele contidas.

COMPANHIA DE SEGUROS GENERALI

Estores «Duralex» e Revestimentos Prestígio

Representado por: GAVINO SIMÕES
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Fazem-se e Repararam-se Estores.
Fornecimento e Aplicação de Alcatifas, Revestimentos Plásticos (mosaico ou peça), Papéis Laváveis e Vinílicos para paredes.

Orçamentos grátis:
Rua D. Francisco Gomes, 37-3.º Esq.º — Telef. 366
— Vila Real de Santo António.

João Maximiano
Luís Filipe Madeira
Ramires Fernandes

ADVOGADOS

participam a abertura do seu novo escritório na Rua Conselheiro Bivar (Palácio Bivar), 10-1.º, Dto., Tel. 24036 Faro.

CORREIO de LAGOS

NÃO FOI BEM INTERPRETADA A ABERTURA DO HOSPITAL

A actual mesa administrativa da Misericórdia e pessoal que a serve, não se têm poupado a esforços no sentido de em Lagos vir a existir assistência médica e hospitalar que a todos honre.

Quando no número anterior escrevemos sobre o hospital, antevíamos que a política prejudicasse a sua acção, e não nos enganámos, visto que, após termos lançado a notícia no correio, registou-se, na sessão regular da mesa, a presença de elementos dos partidos políticos mais actuaes na cidade, que, longe de encorajarem os que têm lutado por um serviço hospitalar condigno, se não os apouparam, pelo menos deram a entender que, para quem não está à altura de defender os interesses do Povo, o caminho a seguir é desistir.

Ora, os elementos, mais activos na sessão, em nosso modesto entender, não seriam capazes de eu-plantar o que está feito, e é, não o que Lagos necessita, mas muito em relação à inactividade da mesa anterior. O dr. Godinho, que em coisa alguma abonou na referida sessão, sobre actos de humanismo, tem de certo modo abalado a médica, que, apesar de brasileira, não envergonha os seus colegas portugueses, e tem sido a pioneira da causa do Hospital da Misericórdia. O pessoal de enfermagem, revelou-se pronto ao sacrifício se necessário, para que Lagos marque em assistência.

Um dr. Telo já cansado pelos anos que lhe pesam e pela incompreensão de alguns dos seus colegas quanto a serviço hospitalar, um dr. Clarinha que apesar de afrontado por política partidária, mas desejado por muitos pela dedicação à causa da assistência se declara pronto a colaborar (desinteressadamente, estou convencido), diz muito para calarmos os maldizentes, que até em sessões de esclarecimento e de propaganda política, apoucam os serviços hospitalares que durante alguns anos foram zero, é certo, mas hoje já são, não o que necessitamos, mas muito em relação aos cartazes que os políticos propalam para virem a ganhar terreno, nas suas propagandas, baratas, diga-se assim, porque dizer é fácil, mas realizar, regra geral, é difícil.

MANUEL FARIA E O CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE JÚLIO DANTAS

Manuel Faria, que o signatário se habituou a admirar pela clareza e espiritualidade das suas expressões através do *Jornal do Algarve*, vive no nosso coração desde que com ele trocámos as primeiras impressões no convívio que entre colaboradores, decorreu há poucos meses em Vila Real de Santo António. Talvez por isso, as linhas que fez inserir no jornal da semana finda com o título «Lagos, pérola do barlavento», foram como bálsamo em feridas que ainda sangram, por aspectos negativos que se deparam na vida de quem escreve para servir e nem sempre é compreendido, como tem acontecido, ao ponto de sofrer detenção pela Pide, durante mais de 40 dias.

Longe de ser jornalista, como Manuel Faria me classifica, pela camaradagem mantida no *Jornal do Algarve*, sinto grande satisfação por me ver compreendido por ele e, mais ainda por lembrar aos lacobrigenses a homenagem póstuma aos seus conterrâneos, referindo-se em especial ao centenário do

nascimento de Júlio Dantas, que está a pouco mais de um ano de distância. Afigura-se-nos que uma forma digna de o fazer seria o restauro da casa onde Júlio Dantas nasceu, que no estado de ruínas em que se encontra, constituiria autêntica mancha à memória de tão ilustre filho de Lagos.

Tem-se pensado num projecto grandioso para o auditório Júlio Dantas na cerca do dr. Cabral, mas sempre temos defendido que a sua biblioteca e móveis de valor (entre eles as mobílias de quarto e escritório), guardados na casa onde nasceu, viriam a constituir como que precioso tesouro.

Lagos tem arquitectos, engenheiros e construtores capazes de reconstruir o exterior da casa com o traçado primitivo, porque a frente talvez seja possível aproveitar e o telhado ainda conserva o preço para se poder considerar como outrora foi. Com o pavimento do 1.º andar substituído por placa, no plano actual, até a escadaria se afigura poder ficar tal qual está e teremos assim muito que recordará o passado, ficando o rés-do-chão para a biblioteca e o 1.º andar para o mobiliário.

Tudo o que fica, com as alterações que os técnicos aconselhem, realizado o mais breve possível, seria, em nosso modesto entender, a melhor obra para comemorar o centenário do nascimento de Júlio Dantas, estando convencido de que a sua viável, sr.ª D. Maria Isabel Dantas, aceitará de bom grado a ideia, pois como temos referido desejaria, em vida, saber o espólio de seu marido em Lagos.

«ANORMAL COM VESTÍGIOS DE MAUS TRATOS»

Por ter indignado muitas pessoas a nossa forma de dizer quanto ao inquérito, defendido para esclarecimento do que há de verdade no assunto da anormal com vestígios de maus tratos referida no jornal da semana finda, sentimo-nos no dever de reparar, para evitar acusações que ponham em perigo o prestígio de «pessoas consideradas em Lagos e que vêm sendo úteis à humanidade», pois sempre julguei e julgo de justiça, salientar casos de humanismo, como os à mãe da anormal a casa do dr. Morgado em casa de quem esteve a anormal Maria Júlia dos Santos.

Quando a esposa deste, não conheço algo em abono ou desabono, e quanto à pessoa que recordou à mãe da anormal a casa do dr. Morgado, até para possível tratamento, apesar de alguns casos que, como o presente, a tornam menos estimada, o do despedimento de empregado da sua oficina, que nos justificou por falta de trabalho, e outros que vêm de longe, talvez por tomados contra os princípios da igreja de que é frequentadora assídua, sabemos ter sido útil à família da anormal em muitos casos, especialmente nas diligências para solução de subsídio de seguro que se arrastou por muitos anos e originou deslocações a Faro e Lisboa por sua conta.

Há sempre o lado bom e mau das coisas, e no momento conturbado que passa, o mau aflora com facilidade, ofuscando completamente o bom.

Insistamos, pois, pelo esclarecimento da verdade, não aproveitando a confusão dos nossos dias para nos tornarmos mais ingratos. Saibamos perdoar para sermos perdoados, porque erros e maldades, todos praticamos, acontecendo muitas vezes que os que se julgam justos são os mais pecadores.

Joachim de Sousa Piscarreta

Realizou-se a Assembleia Geral da CISUL — Companhia Industrial de Cimentos do Sul, convocada fundamentalmente para a apreciação do Relatório e Contas do exercício que findou em 31 de Dezembro de 1974 e votação de uma proposta de aumento do capital social.

Durante a sessão, o Presidente do Conselho de Administração da Empresa, Eng.º Mário Gaspar, em complemento do relatório apresentado pelo mesmo Conselho, com data de 17 de Fevereiro findo e oportunamente distribuído aos accionistas, fez uma exposição sobre os termos em que decorreu a gestão da Empresa durante o ano e aludiu ao projecto de triplicação de capacidade de produção da Empresa, conforme autorização concedida pela Secretaria de Estado da Indústria e Energia. A este propósito, revelou que a CISUL conseguirá assegurar no estrangeiro financiamentos a longo prazo (11 anos), destinados ao empreendimento, cujo contra-valor em escudos é da ordem de 1 milhão de contos.

A Assembleia aprovou o relatório e as contas do exercício, bem como o aumento do capital social para 600 000 contos, a fim de satisfazer um dos requisitos do despacho de autorização da ampliação da fábrica de Loulé.

Reproduz-se seguidamente o teor do relatório do Conselho de Administração da CISUL.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Tendo-se verificado o arranque experimental da nossa unidade fabril no segundo semestre de 1973, o exercício de 1974 correspondeu ao primeiro ano de laboração integral da empresa à escala industrial.

Em uma anotação que a este propósito desde logo nos cumpre fazer é a de que as condições técnicas da instalação, aliadas à eficiência da organização e à qualificação dos quadros do pessoal, a todos os níveis, permitiram superar, em grande medida, as dificuldades com que habitualmente depara o início da actividade de uma cimenteira. Assim, não deixa de ser significativo que, no primeiro ano de funcionamento ao ritmo industrial, a fábrica tenha atingido uma produção equivalente a 80% da sua capacidade nominal.

No que respeita à comercialização, conseguiu-se também, mercê de uma estratégia flexível, ultrapassar as consequências resultantes de disparidades geográficas de fornecimento, motivadas, em parte, por comportamento anómalo de certas empresas do sector. Deste modo, e ainda que com sacrifício das margens de benefício da nossa distribuidora e associada PRECIPOR — Materiais de Construção de Portugal, S. A. R. L., o cimento CISUL contribuiu para regularizar o abastecimento do País, ocorrendo a rarefacção da oferta registadas em mercados localizados longe da zona de influência da fábrica, ao mesmo tempo que nela teve de suportar uma competição desenfreada à revelia das regras da concorrência leal.

A elevada qualidade do ci-

PUBLICIDADE

A CISUL obtém um financiamento estrangeiro de UM MILHÃO DE CONTOS para investimentos no ALGARVE

mento que produzimos (na realidade, um super-cimento, vendido como Portland normal) consente que encaremos com alguma tranquilidade a situação prevista para os próximos três anos, durante os quais a produção nacional deverá ser excedentária relativamente às necessidades do consumo, em consequência do aumento da capacidade global da indústria originado pelo arranque de instalações em curso de montagem.

Com efeito, são numerosas e frequentes as solicitações que o cimento CISUL recebe da parte de determinados mercados externos, onde a conjuntura de carência da produção face às exigências do consumo continua a revelar sinais de persistência. E a localização da nossa unidade industrial na extremidade meridional do Continente vocaciona e privilegia a empresa para uma política de exportação dirigida aos Países que maior potencialidade possuem como compradores de cimento.

Mas a exportação, obviamente, tem sido e será sempre para a empresa uma solução de segunda instância, dada a total prioridade atribuída à satisfação da procura interna.

»«

Uma parcela apreciável da actividade da empresa em 1974 foi dedicada a estudos e acções relacionados com a ampliação da capacidade de produção da fábrica.

Pensou a empresa, no último trimestre de 1973, em duplicar a sua dimensão, baseada, por um lado, em determinadas projecções quanto à evolução da relação consumo-produção no mercado interno, e, por outro lado, no custo comparativamente reduzido que tal ampliação implicaria, por aproveitar combinações harmónicas de equipamentos montados para a 1.ª fase do empreendimento.

Todavia, a empresa veio a repensar o projecto no decurso de 1974, decidindo-se por um aumento da capacidade de fabrico, não para as 600 000 inicialmente encarradas, mas sim para 900 000 toneladas/ano. Pesaram fundamentalmente na decisão tomada a intenção de atingir a dimensão óptima de uma unidade cimenteira, colhendo as respectivas economias de escala; e a actualização das previsões feitas, numa perspectiva de médio prazo, quer quanto à real capacidade de oferta da indústria nacional do sector, quer quanto à evolução do consumo interno, quer ainda quanto à aptidão dos mercados externos para absorver os eventuais excedentes da produção portuguesa.

Formulado o correspondente requerimento — já ao abrigo do regime legal introduzido pelo Decreto-Lei n.º 533/74, de 10 de Outubro — em 8 de Novembro de 1974, veio

o mesmo a ser deferido, conforme despacho do Secretário de Estado da Indústria e Energia publicado em 31 de Dezembro seguinte.

Entretanto, a empresa elaborou o anteprojecto da instalação da nova linha de fabrico; negociou as encomendas de material mecânico e eléctrico a importar; assegurou no estrangeiro, em excepcionais condições de prazo e de juro, avultados créditos destinados a financiar grande parte do valor daquelas encomendas; realizou os estudos económicos e financeiros respeitantes ao empreendimento; definiu e solicitou o apoio creditício tornado necessário para o sistema bancário nacional.

Confiando em que as resoluções da competência das entidades financeiras e das autoridades monetárias venham a ser favoráveis e proferidas a tempo de se poderem formalizar no exterior os contratos já convencionados em princípio, esperamos dar início aos trabalhos de implantação da 2.ª linha no primeiro quadrimestre do corrente ano.

O investimento programado atinge, em capital fixo, cerca de 1 450 000 contos, estando neste montante incluídos os custos de obras de infraestrutura, cuja execução, em rigor, deveria caber aos sectores público e quase-público, mas que, por insuficiente capacidade de resposta destes, a empresa terá de chamar a si (tal como já sucedeu, de resto, com a construção da estrada de acesso à fábrica, em ligação com a E. N. 270). Trata-se de — com vista a proporcionar, em condições de maior eficiência e economicidade, o fácil escoamento do produto — promover a construção de um ramal para a ligação da fábrica à rede nacional dos caminhos de ferro, proceder ao desassoreamento dos fundos do Porto de Faro, tornando-o acessível a barcos de maior tonelagem, e, num e noutro caso, construir cais e instalar equipamento de carga.

Ao abalancar-se a este empreendimento (que, para além dos empregos permanentes que virá a criar, facultará, durante o período de três anos, nas fases de edificação das instalações, montagem do equipamento e trabalhos complementares, ocupação a mais de mil pessoas, dois terços das quais pertencerão ao ramo da construção civil), a CISUL considera dar, na sua medida, a contribuição que à iniciativa privada indeclinavelmente incumbe para a tarefa imperiosa da construção de um Portugal renovado.

Tanto por imposições de estrutura financeira da empresa na sua nova dimensão, como por exigências do despacho ministerial que autorizou a montagem da 2.ª linha de fabrico com a capacidade de

laboração anual de 600 000 toneladas, o capital próprio da sociedade deverá ascender até ao princípio de 1978, ou seja até à data do arranque industrial da instalação, a 600 000 contos.

O aumento do capital social de 150 000 para 200 000 contos, aprovado pela Assembleia Geral Extraordinária de 29 de Março de 1974, não pôde ainda emitir-se e oferecer-se à subscrição pública, por motivos de ordem legal e prática relacionados com a situação do mercado de títulos.

Não obstante a impossibilidade de prever exactamente quando passarão a tornar-se viáveis as emissões de capital accionista, considera-se necessário que a próxima Assembleia Geral se pronuncie desde já quanto à elevação do capital social de 200 000 para 600 000 contos, cumprindo à empresa obter, entretanto, soluções financeiras que substituam transitoriamente os ingressos dos accionistas.

»«

Foi o exercício de 1974 assinalado por um conjunto de factores desfavoráveis, cuja defrontação constituiu autêntico desafio à capacidade de gestão da empresa.

Em primeiro lugar, houve que suportar um aumento médio de 25% nos encargos financeiros previstos, por, apesar de se manterem constantes as taxas de juro dos financiamentos externos, as condições de remuneração dos créditos internos se terem agravado em mais de 50%.

Por outro lado, a não realização do aumento de 50 000 contos do capital social, programada para o primeiro quadrimestre do ano, determinou, durante oito meses, o correspondente recurso ao crédito.

Finalmente, as elevações do preço do fuel, o mais importante componente do custo directo de produção do cimento, originaram acréscimos de custos de 35\$00 por tonelada de cimento fabricado, durante os primeiros nove meses do ano, e de mais 30\$00 por tonelada, nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro.

Fomos assim conduzidos, como se apura do Balanço e da Conta de Lucros e Perdas, a um resultado negativo do exercício, o qual, conquanto inferior ao previsto para 1974 nos estudos iniciais, só foi possível, na expressão que assumiu, quer porque a gestão industrial praticada — à parte as referidas circunstâncias exógenas — confirmou os pressupostos formulados nos mesmos estudos, quer porque se corrigiram os critérios com que se tinha considerado a reintegração e amortização dos valores imobilizados, atendendo, designadamente, ao tempo real de vida útil e económica dos bens corpóreos em causa.

É lícito, porém, esperar que, impondo a regularização

dos processos de actuação da indústria cimenteira quanto ao racional abastecimento do País, o Governo e a Administração Pública (a quem, aliás, muito devemos em compreensão e estímulo) também revejam, sob o influxo dos novos condicionalismos, o preço homologado do cimento à saída da fábrica ou no consumidor final; como desejável seria que o aparelho bancário nacional (cuja prestante colaboração, de resto, não queremos deixar de registar) pudesse encontrar os requisitos institucionais e operacionais que lhe permitissem proporcionar crédito, tanto de investimento como de funcionamento, em condições mais consentâneas com as realidades da actividade económica e com as expectativas de quem planeia e realiza e corre os riscos dos empreendimentos.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1975.

O Conselho de Administração

Vila Real de Santo António passa a ter uma Associação de Pais

Da Associação de Pais em Vila Real de Santo António, recebemos a seguinte proclamação:

É criada a Associação de Pais em Vila Real de Santo António com os seguintes objectivos:

1. — Interferir em todos os assuntos inerentes ao bem estar físico e formação cultural das crianças, com especial incidência, porque mais necessária de momento, sobre as descendentes das classes menos preparadas para lhes ministrarem conhecimentos. Nomeadamente:

a) Criar as condições necessárias ao funcionamento de infantários e creches destinados a acolher filhos de trabalhadores, para estes exercerem em tranquilidade o alienável direito ao trabalho.

b) Intervir na vida das escolas, colaborando na resolução dos problemas do ensino.

c) Velar pela não degradação do meio ambiente onde os novos seres evoluem.

2. — Fazer respeitar a Declaração dos Direitos da Criança.

3. — Amparar a criança em todos os aspectos que visem protegê-la das agressões do meio, até atingirem a idade ideal para por si próprias se defenderem.

Certos da nobreza da obra e da justiça da causa, espera-se a adesão do maior número de pais e a compreensão de todos para as atitudes que tomaremos para aplicação dos nossos princípios programáticos, contando com a união firme de quantos hoje vêem faltar aos filhos o pão, a habitação, a saúde, a educação, o conforto e a liberdade de crescer harmoniosamente numa sociedade justa.

O investimento do nosso esforço é grande, mas ajudaremos a criar as gerações que farão o País novo, o Homem novo, e que, por certo, nos recordarão com orgulho sadio.

ECUBAL Empresa Cultural de Barros Brancos, S. A. R. L. ANÚNCIO

São convocados os Senhores Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no dia 23 de Abril, pelas 11,00 horas, na Escola Internacional do Algarve, em Porches, sendo a ordem do dia:

a) Apreciar o relatório do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal e discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas relativos ao exercício de 1974.

b) Eleição de corpos gerentes.

Porches, 21 de Março de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

António Américo Lopes Serra

MONTE GORDO ANDARES — VENDEM-SE

(COM ISENÇÃO DE SISA ATÉ 31/3/75)

Com 2 e 3 assoll., cozinha, w. c., hall, arrecad., caixa-lharia em alumínio e elevador. Situados na Rua Pero Vaz Caminha, lotes 16 e 17. Trata no local. Informações: Telef. 77 90 53.

Vai ser erigido um busto a Assis Esperança em Faro

Vai concretizar-se o propósito manifestado em vários órgãos informativos, entre os quais o *Jornal do Algarve*, de ser homenageada publicamente a memória do escritor e democrata Assis Esperança, há semanas falecido em Lisboa. O Município de Faro, terra natal do autor de «Servidão» e de tantas outras páginas em que a vida e a luta do povo é descrita com rara actualidade, dedicou ao assunto o melhor interesse e empenho.

Sabemos que o dr. Almeida Carapato, presidente da Comissão Administrativa do Município, se avistou em Lisboa com a viúva de Assis Esperança, a qual ofereceu à cidade-natal do escritor, um busto e a sua biblioteca. Retorna assim, com todo o simbolismo e presença viva, ao burgo-mãe um património significativo daquele que Alvaro Salema disse ser «escritor de obra séria e humaníssima, resistente antifascista e democrata de toda uma longa vida, que tão nobremente conquistou o direito a não ser esquecido».

Assim e conforme foi deliberado na última sessão da Câmara, vai ser estudada a colocação do busto a erigir no Jardim Catarina Eufémia, perto da casa onde Assis Esperança nasceu (no prédio da Rua do Alportel que faz canto com o Largo de São Pedro).

No que se refere à biblioteca será instalada em sala própria na Biblioteca Municipal e que se denominará de «Sala Assis Esperança».

O busto é obra do mestre Raul Xavier e foi oferecido ao saudoso escritor pelos companheiros de trabalho na empresa em que exercia as suas funções.

Trabalhadores das autarquias em Faro

O secretariado dos trabalhadores das autarquias locais, reunido em plenário, em Faro, deliberou por unanimidade, enviar ao ministro da Administração Interna um telegrama pedindo «a anulação imediata do despacho de 27 de Fevereiro por considerarem contrária a revolução em curso». No referido telegrama pedem aqueles trabalhadores «a aprovação de diploma legal que regule a associação sindical dos trabalhadores da função pública».

José Castel-Branco

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DO CORAÇÃO

CONSULTAS:

2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, às 15 horas e 3.ª e 5.ª feiras, às 18 horas, na Rua Baptista Lopes, 24-1.º Dt.º em Faro.

Telefone 26164

ENSINO NO ALGARVE

PRIMÁRIO

Por falta de posse, foi exonerado o professor agregado sr. Manuel Herberto Furtado.

— Foi concedida a 1.ª diuturnidade a sr.ª D. Idalete Dias da Cruz Augusto Neves, professora da escola ex-mista de Machados (S. Brás de Alportel) e ao sr. José Ascensão Cabrita Estanislau, professor da escola masculina da sede do concelho de Portimão.

Actualidades desportivas

F U T E B O L



Torneio de futebol no barlavento algarvio

Começou com o maior entusiasmo o torneio popular de futebol promovido pelo Juventude Clube Aljuzense. Eis os resultados dos encontros realizados na 1.ª jornada:

Juniors do Esperança, 2 — Vila do Bispo, 3; Budens, 8 — Bensafrim, 0; Espiche, 6 — Alfombras, 1; Odixere, 1 — Sagres, 0; Hotel de Lagos, 2 — Aljezur, 6; Marítimo, 2 — Boa Vista, 2.

A classificação, ao fim da 1.ª jornada, é a seguinte:

	J.	GM-GS	P.
Budens	1	8-0	2
Espiche	1	6-1	2
Aljezur	1	6-2	2
Odixere	1	1-0	2
Vila do Bispo	1	3-2	2
Boa Vista	1	2-2	1
Marítimo	1	2-2	1
Sagres	1	0-1	0
Jun. do Esperança	1	2-3	0
Hotel de Lagos	1	2-6	0
Alfombras	1	1-6	0
Bensafrim	1	0-8	0

Amanhã jogarão as seguintes equipas: Vila do Bispo-Marítimo; Bensafrim-Jun. do Esperança; Alfombras-Budens; Sagres-Espiche; Aljezur-Odixere; Boa Vista-Hotel de Lagos.

Escola de vela do Faro e Benfica

Começou a funcionar no posto náutico a escola de vela do Sport Faro e Benfica, organizada pela secção náutica do clube e orientada pelo sr. Alfredo Bandeira Rodrigues. O horário é o seguinte: sábados, domingos e feriados, a partir das 9 horas; dias úteis, a partir das 18 horas.

A escola de vela é aberta a todos os sócios e seus filhos, que sabem nadar, devendo os interessados dirigir-se ao posto náutico durante o período de instrução, ou à sede do Sport Faro e Benfica em qualquer dia útil das 21 às 23 horas.

ATLETISMO

CORTA-MATOS POPULARES EM FARO

Nos remexidos terrenos da antiga carreira de tiro (anexos ao Estádio de S. Luís) em Faro, disputaram-se no domingo, pela última vez, provas de corta-mato, pois que dentro em breve os montes e as valas que lá existiam darão lugar a ruas e arranha-céus, e o atletismo terá de procurar outro palco para as suas competições de inverno.

As provas foram organizadas por um grupo de rapazes (R. A. F.) que pretende e tem conseguido em parte, fomentar a prática do desporto na cidade. As inscrições estavam abertas a toda a população e movimentaram-se 170 pessoas, dos 6 aos 42 anos, distribuídas da seguinte maneira: menos de 9 anos, 9; dos 10 aos 12, 71; 13 e 14, 35; 15 e 16, 15; 17 e 18, 15; dos 19 aos 35, 13; mais de 35, 3; femininos, 7.

As classificações, é o que menos importa neste género de reuniões e o que tem importância é que na manhã do dia 16 de Março de 1975, 170 pessoas praticaram atletismo, em Faro, portanto fizeram desporto e algumas até pela primeira vez.

Parabéns, por isso, aos rapazes da R. A. F. (Real Amizade Farense) e ânimo para continuarem nessa maravilhosa campanha de proporcionar o desporto às pessoas.

A finalizar, fazemos votos para que outros grupos do género se formem noutras terras da Província.

A. C.



BASQUETEBOL

OPERAÇÃO PORTA ABER-TA 160

Tem obtido êxito a campanha de minibasketebol denominada «Operação Porta Aberta 160», iniciativa do Clube Desportivo Os Oihanenses através do técnico Humberto Gomes. De realçar o empenho dos jogadores das várias categorias, que se têm mobilizado como dinamizadores, levando o gosto pela «bola ao cesto» a extensas camadas da população juvenil oihanense.

No decurso desta semana, tem vindo ali a desenvolver-se um torneio em que participam 200 crianças, num total de 54 jogos, o que diz bem do valor desta campanha.

Cartório Notarial de Tavira

A cargo da Notária Licenciada Maria Luísa dos Santos Anselmo

Justificação

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia 21 de Março corrente, de fls. 73 v.º a folhas 76 do livro número B-21 de notas para escrituras diversas deste Cartório, foi exarada uma escritura de Justificação Notarial na qual MARTA DA CONCEIÇÃO e marido GREGÓRIO PEREIRA e CARLOTA DE JESUS e marido JOAQUIM PEREIRA, casados estes e aqueles segundo o regime de comunhão geral de bens, naturais e residentes no sítio da Igreja, freguesia de Santo Estêvão, do concelho de Tavira, declaram-se donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, e em comum e partes iguais, do prédio misto no referido sítio da Igreja, composto de casas de habitação, terra de semear e árvores, confinante pelo norte com estrada que vai da Luz a Santo Estêvão, sul com a estrada do Brejo, nascente João de Mendonça e poente Francisco José Campina, denominado a «Da Zorra», não descrito na competente Conservatória, e inscrito sob um oitavo do artigo rústico trinta e três e sob o artigo urbano cento e vinte e dois, na matriz predial respectiva e em nome de Joaquim Leandro.

Que o dito Joaquim Leandro que, também usou Joaquim Pereira ou Joaquim Leandro Pereira e mulher Maria do Carmo ou Maria do Carmo Barafusta, pais e so-

CICLISMO

RAUL FACHADAS (LOULETANO) É CAMPEÃO DO ALGARVE EM POPULARES

Com um contra-relógio disputado com partida e chegada a Santa Catarina da Fonte do Bispo, terminou o Campeonato Regional de Fundo para Populares, organizado pela Associação de Ciclismo de Faro. A prova teve 30 kms, verificando-se a seguinte classificação: 1.º, Carlos Nunes (Tavira), 51 m, 39 s.; 2.º, Diamantino Evangelista (Tavira), 52, 25; 3.º, Raúl Fachadas (Louletano), 52, 57; 4.º, Manuel Nascimento (Tavira), 53 m, 03 s.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º, Raúl Fachadas (Louletano); 2.º, Manuel Nascimento (Tavira).

Atletismo no Farense

No Sporting Clube Farense encontram-se abertas as inscrições para a prática do atletismo, por jovens de ambos os sexos. Os interessados podem dirigir-se à secretaria do clube, na Rua Ferreira Neto, em Faro.

Torneio de bilhar em Faro

Num dos salões de bilhares da capital algarvia, decorreu a 1.ª fase de um torneio de bilhar, sendo apurados para participar na final os srs. António Brito, Mário da Encarnação, José Maria, Luciano Marcos, Arsénio Estrela, Francisco Simões, José da Silva e Sérgio Viegas.

Encontros de hóquei em patins em Faro

Tem vindo a conhecer interesse em várias localidades do Algarve a prática do hóquei patinado. Na Alameda João de Deus e perante muito público houve animada sessão, que comportou dois encontros, revelando um lote de bons jogadores. No 1.º encontro defrontaram-se os juvenis do Faro e Benfica e do Imortal, vencendo o cinco albufirense por 11-6. No 2.º, em seniores, o Imortal derrotou o Louletano por 5-1.

gros deles justificantes possuíram o mencionado imóvel, em nome próprio há mais de trinta anos, sem a menor oposição de quem quer que seja desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriram o prédio por prescrição não tendo todavia, dado o modo de aquisição, documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Que os ditos Joaquim Pereira e Maria do Carmo faleceram, respectivamente, aos 26 de Julho de 1940 e 4 de Março de 1956, deixando como seus únicos e universais herdeiros as justificantes mulheres e, também, Joaquim do Carmo Pereira, irmão delas, tal como tudo consta da escritura de habilitação de herdeiros lavrada neste livro imediata e anterior a esta; e que por partilha amigável ao tempo feita entre os herdeiros indicados foi adjudicado a elas justificantes, em comum e partes iguais, o mencionado imóvel, porém essa partilha não foi reduzida a escritura pública, assim não tendo elas o respectivo título com que possam comprovar pelos meios normais a aquisição do dito prédio.

Está conforme ao original, na parte transcrita.

Cartório Notarial de Tavira, 24 de Março de 1975

O segundo Ajudante,

João José Martins Cató

Incidentes num comício de P. P. D. em Faro

No próximo número inseriremos notícia do comício efectuado pelo Partido Popular Democrático, em Faro, para apresentação dos seus candidatos e no decurso do qual se registaram vários incidentes.

Foi exonerado a seu pedido o presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve

Conforme pedido apresentado ao secretário de Estado do Comércio Externo e Turismo, foi exonerado das funções de presidente da Comissão Regional de Turismo, o eng. José Luís de Moura, que iniciou o desempenho do cargo em Setembro último. Nos termos da aceitação do pedido de exoneração, aquele membro do Governo referiu o interesse e inteligência que o eng. José Luís de Moura colocou no exercício do cargo.

Provisoriamente e até nomeação do novo presidente, assumiu a presidência do organismo o eng. Manuel de Sousa Pires, membro da comissão administrativa.

Venda de 3 barcas

Vende-se 3 barcas com 5/7 anos de existência em estado de novas, com 10/11 metros de comprimento, com capacidade de 7/8 toneladas de carga. Trata Sequeira, Limitada, telef. 52003 — Albufeira.

Casa

Vende-se na Rua 1.º de Maio, 29, em Vila Real de Santo António. Informa-se na mesma.

DE TUDO PARA TODOS

QUADRA DE HOJE

Esta noite eu tive um sonho, Sonho de muita alegria: Que me casavam à força, Logo com quem eu queria.

DESPEDIDA EMOCIONANTE

O célebre humorista Tristan Bernard veraneava em Cannes, quando certo dia em que se afastou demasiado em passeio pelos campos, sentiu o desejo de comer um almoço suplementar. Nessa altura passava por um pequeno restaurante, que se erguia à margem da estrada. Entrou, pediu uma «omelette» e, quando lhe apresentaram a conta ficou assombrado. Trezentos francos! Mais caro do que no «Ritz»!

O escritor, depois de dar a gorjeta ao criado, dirigiu-se ao balcão.

— Meu caro amigo! — disse ao dono do estabelecimento — Abraça-me!

— Que quer isso dizer — exclamou o outro assombrado. — Abraça-lo, porquê?

— Porque nunca mais voltará a ver-me.

COMO ELES PENSAVAM

O amor é como os cogumelos: só se sabe se é venenoso quando já é demasiado tarde.

A crítica só se evita não dizendo nada, não fazendo nada e não sendo nada.

Choram-se às vezes as ilusões com tanta mágoa como se choram os mortos. — G. de Maupassant.

Devemos sempre deixar passar uma noite sobre a injúria da véspera. — Napoleão I

O DOCE NUNCA AMARGOU

«Súplicas» — Juntar a 250 grs. de açúcar, 250 grs. de farinha,

um ovo completo, três gemas e uma colher de sopa de água. Depois de tudo isto muito bem ligado, formam-se umas pequenas bolas que se colocam num tabuleiro polvilhado de farinha, levando-se ao forno até cozer e alourar.

Para aproveitar as três claras que sobejam, poderéis fazer, também, uns deliciosos bolos de amêndoa, juntando-lhe 250 grs. de açúcar, 250 grs. de farinha, uma colher de sopa de manteiga e 100 grs. de miolo de amêndoa. Depois da amêndoa passada pela máquina, ou cortada em pedacinhos, juntam-se-lhe as três claras, batidas em castelo.

Logo que esta massa se encontre perfeitamente ligada fazem-se pequenas bolas que se levam igualmente ao forno num tabuleiro polvilhado de farinha.

TAMBÉM NA COZINHA SE PODE SER ARTISTA

Filetos ricos — Tomam-se alguns salmonetes; cortam-se em filetes e põem-se estes a marinhar, com sumo de limão, sal, pimenta e um golpe de azeite fino, pelo espaço de vinte e cinco minutos. Escorrer então os filetes e enxugá-los com um pano. Preparar um molho branco, espesso e com este molho recobrir os filetes. Deixar arrefecer e passar cada filete por pão ralado, primeiro, e a seguir por ovo batido e novamente por pão ralado. Fritar em bom azeite. Dispor, numa travessa, os filetes sobre um guardanapo. Garnecer com rodelas de limão e montículos de salsa frita.

E AGORA NÃO RIA!

O professor: — O seu exercício está bom, mas igual ao do Eduardo. Que devo concluir daqui?

O aluno: — Que o exercício do Eduardo também está bom.

Novos corpos gerentes

ASSOCIAÇÃO DOS BARMEN DE PORTUGAL (DELEGAÇÃO DO ALGARVE)

Sob a presidência do sr. Luís Gonzaga Pereira, presidente da assembleia geral da Associação de Barmen de Portugal, que para o efeito se deslocou a esta Província, decorreu a assembleia geral da delegação do Algarve daquele clube, que elegeu os seguintes membros:

Assembleia geral: Tony Fernandes (Hotel Vilamoura), presidente; Joaquim Martins Sabino (Hotel Alvor Praia) e António da Silva Sotero (Pedras d'El-Rei), secretários.

Direcção: Manuel Jorge Moniz Pereira (Hotel Boavista), presidente; Manuel de Oliveira Alves (Restaurante Borda d'Água), secretário; José Dominguez Dominguez (Hotel Sol e Mar), tesoureiro; José Jacinto Neves de Oliveira (Aldeia do Mar), José Joaquim Póejo Mendes (Hotel Algarve), José António Graça (Hotel Vilamoura), Reinaldo da Silva Henriques (Restaurante «A Feitoria»), Jorge Luis Guerreiro (Hotel Eva) e José Peleiter Orge (Hotel Dona Filipa), vogais.

Conselho fiscal: Américo da Costa Nunes (Hotel Penina), Germano Francisco Nunes (Hotel da Balaia) e Armando Coelho Gomes (Casino de Alvor).

Concretiza-se assim mais uma etapa das alterações feitas nos novos estatutos desta progressista associação de trabalhadores, aprovados em assembleia geral extraordinária de 18 de Setembro de 1974, na qual entre muitas outras alterações foi acordada a cedência de autonomia às delegações.

GRUPO NAVAL DE OLHÃO

No Clube Recreativo Oihanense, sob a presidência do sr. João António Pacheco, decorreu a assembleia geral do Grupo Naval de Olhão. Foi apresentado pelo presidente da direcção demissionária o relatório e contas, bem como o parecer da comissão revisora de con-

tas, referindo-se que o número de sócios era de 483, havendo no último ano um aumento de 81. A receita foi de 136 216\$10, transitando o saldo de 44 374\$50. O número de embarcações de sócios vai a 200 e para a prática de vela, dispõe o Grupo de 6 snipes, 2 moths, e 2 mirrors. Encontra-se em adiantada fase de construção o pavilhão para a secção de vela, que permitirá mais dinâmica e expansiva actividade.

Entrou-se depois na eleição da nova direcção, que regerá o clube em 1975/76 uma vez que os corpos directivos anteriores pediram a demissão alegando que os afazeres profissionais não lhes permitiam dedicar toda a atenção e assiduidade que a actividade do G. N. de Olhão e as possibilidades de uma maior expansão exigem na hora presente. Foram eleitos:

António Estêvão, presidente; António Carolas, vice-presidente, José da Silva, tesoureiro, José Laborinho e João Lázaro, secretários; José Cachola, José Sancho e Francisco Nascimento Pina, vogais.

Câmara Municipal de Portimão EDITAL

ROGÉRIO JORGE CASTELLO, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Portimão.

Faz público que, por deliberação tomada por este corpo administrativo, na sua reunião ordinária do dia 19 do corrente mês, se recebem propostas, em carta fechada, até ao dia 15 de Abril próximo, para venda de sucata pertencente a esta Câmara e existente no Armazém Municipal, a qual poderá ser vista durante as horas normais de expediente, no referido armazém.

E para conhecimento de todos os interessados, se publica o presente edital.

Paços do Concelho de Portimão, 25 de Março de 1975

O Presidente da Comissão Administrativa,
Rogério Jorge Castelo

Classificações

I DIVISÃO

Benfica	42	pontos
Sporting	39	>
F. C. Porto	37	>
Guimarães	34	>
Boavista	32	>
Belenenses	28	>
Leixões	26	>
Farense	25	>
Vit. Setúbal	23	>
Cuf	23	>
Atlético	22	>
Académico	19	>
Oriental	19	>
U. Tomar	19	>
Espinho	13	>
Oihanense	13	>

II DIVISÃO (Zona Sul)

Estoril	44	pontos
Barcelense	41	>
Marítimo	36	>
Portimonense	34	>
Torriense	33	>
Montijo	33	>
Caldas	32	>
Marinhense	28	>
U. Leiria	28	>
Sesimbra	28	>
Portalegre	27	>
Juventude	24	>
Peniche	24	>
U. Montemor	24	>
Almada	24	>
Lusitano	23	>
Sintrense	23	>
Torres Novas	21	>
Odiveias	17	>
C. Piedade	14	>

III DIVISÃO (Zona D)

Esperança	37	pontos
C. Caparica	35	>
Vasco da Gama	34	>
Amora	33	>
Seixal	33	>
Alcochetense	32	>
Casa Pia	32	>
Lusitano V. R.	30	>
Desp. Beja	30	>
Olivais	29	>
U. Santiago	26	>
Sambrazense	26	>
Paio Pires	24	>
Odemirense	23	>
Operário	21	>
Luso	20	>
Reguengos	20	>
Silves	20	>
Aljustrelense	18	>
Torralta	17	>

Jogar-se-á em Faro o Portugal-Checoslováquia (Esperanças)

A região sul do País vai ter o ensejo de presenciar um encontro internacional a contar para o Campeonato da Europa de Esperanças, promovido pela UEFA.

Trata-se do Portugal-Checoslováquia, que a Federação Portuguesa de Futebol marcou para o Estádio Municipal de São Luís, em Faro, em 30 do próximo mês.

AINDA SOBRE O ANTIFASCISTA ANTÓNIO BANDEIRA CABRITA

por A. Vicente Campinas

EM situações verdadeiramente dramáticas para os antifascistas portugueses, viveram-se os 48 anos de ditadura salazarista-caetanista. Para os que se sentiam militantes da liberdade, foi um (demasiado) longo período de constante incerteza, de permanente ansiedade, esse em que se viveu (sofreu, fica mais justo) a pressão e a perseguição da polícia política de Salazar e de Caetano. Um período de permanente ambiente de perseguição, de delação, de tortura física e moral, que transformava em pequeninos e grandes dramas, quaisquer actividades pela defesa da liberdade e da democracia.

Um dos casos mais complicados, para os que militavam no antifascismo, era anotar compromissos, acontecimentos e outros, mesmo pequeninos, pormenores, pois havia sempre o receio que pudessem cair nas mãos da PIDE/DGS, que pela certa o transformaria em justificativas de torturas, para com elas arrancar elementos conducentes a outros lutadores, clandestinos ou semi-clandestinos.

Daí que, as notas que possuía, acerca do que foi António Bandeira Cabrita, a sua actividade política e revolucionária, e outras, tenham desaparecido, para que não pudessem ter caído nas garras policiais, quando das minhas prisões.

Naturalmente que a memória nem sempre ajuda quem precisa ser ajudado. Assim, é compreensível que tenha escrito algumas datas erradas, sobre acontecimentos em que António Bandeira Cabrita interveio directamente como organizador, activista e revolucionário anti-salazarista, e vindas a lume, com as necessárias dúvidas bem à vista, no último número do *Jornal do Algarve*. E foi um outro contrarrazão, contemporâneo de António Bandeira Cabrita, João Rodrigues, uma das muitas vítimas do fascismo português, que sofreu a prisão e a deportação no Tarrafal («campo da morte lenta», do Tarrafal, como ficou a ser conhecido) durante largos anos, que, há dias, falando acerca da utilidade, para esclarecimento dos menos idosos, de referir algo dos revolucionários algarvios com a envergadura de António Bandeira Cabrita, me disse, com precisão, uma das datas em que eu metiera uma cunha de dúvida: a da sua última intervenção, numa intenção revolucionária, no País, verificada em Agosto de 1931 (precisamente, o 26 de Agosto de 1931) e que a memória, jogando comigo o jogo da incerteza, meteu em 1934/35.

Fica, desta maneira, rectificada uma data que, naturalmente, está nos anais da história (que há-de ser feita, se é que não está feita, por alguém, um dia, sobre as revoluções e outros actos revolucionários ocorridos durante a longa noite de terror fascista em Portugal, nestes últimos cinquenta anos). E assim parece mais justificada a longa estadia de vários anos, de António Bandeira Cabrita, na deportação de Timor, de onde se evadiu para vir lutar, e morrer na luta, contra o fascismo, em Talavera de la Reina, no primeiro ano da guerra civil que ensanguentou a Espanha.

As 2 Sortes Grandes e os 2 Terceiros Prémios

vendidas a semana finda aos balcões da

Casa da Sorte

2 PRIMEIROS PRÉMIOS 24663-7000 CONTOS
2 TERCEIROS PRÉMIOS 28418-350 CONTOS

ASSEMBLEIAS DE VOTO EM FARO

Com vista à eleição da Assembleia Constituinte, em 25 de Abril, funcionarão no concelho de Faro, 58 assembleias de voto, distribuídas pelas seguintes freguesias: S. 26; São Pedro, 19; Santa Bárbara de Nexe, 5; Estoi, 4 e Conceição de Faro, 4.

BRISAS do GUADIANA

Nasceu um Jardim Infantil em Vila Real de Santo António

CONTA escassas semanas de vida o Jardim Infantil de Vila Real de Santo António, onde as «flores», graciosos botões, a brotar para as alegrias e tristezas que constituirão o seu dia-a-dia, são agora cerca de setenta pequenitos, meninas e meninos, com idades entre os 3 e os 6 anos.

Não tem o Jardim outras «flores», porque o espaço disponível — uma casa de habitação adaptada, na Rua Teófilo Braga — o não permite, mas não lhe faltam, segundo conseguimos ver, meios para captar o agrado e o interesse dos seus juvenis ocupantes que, em boa verdade, para ele se encaminham, prazenteiros, nos dias de utilização (de segunda a sexta-feira, das 9 às 12,30 e das 14 às 17,30 horas), sabendo que ali irão encontrar, além dos companheiros e companheiras com quem começam a cimentar amizades duradouras, toda uma vasta gama de jogos e brincadeiras próprios para as suas idades. E destes jogos e brincadeiras, sempre acompanhados por pessoal competente, nascem os germes que, ao mesmo tempo, orientam as monitoras quanto às tendências de cada um para esta ou aquela actividade de cunho prático ou artístico.

Sentem-se bem, os miúdos, no Jardim que para eles foi implantado e que, neste campo, vem preencher uma lacuna desde há muitos anos notada em Vila Real de Santo António.

O imóvel dispõe de quatro salas, melhor diríamos quatro alegres e convidativos «canteiros», todas com mobiliário adequado à estatura e mentalidade infantis e tendo nas paredes, como decoração, reproduções de animais, flores e outros motivos que às crianças possam causar aprazimento. Uma das salas destina-se aos miúdos de 3 anos, que ali brincam e jogam, ouvem música, cantos e canções. Na sala dos mais crescidos (os e as de seis anos), há construções, pinturas, colagens, desenhos, recortes, picotagens, dactilografias (a arte de, ao som de música, criar desenhos «ritmados», de que depois são tiradas provas). Em duas outras salas transformadas numa, têm os garotos de 4 e 5 anos actividades semelhantes aos de seis, embora um pouco menos apuradas.

Há ainda, no imóvel, a sala de espera, a secretaria e o vestidário, onde cada utente possui o seu cabide, que mais facilmente irá descobrir todos os dias através do bonico nele pintado.

O Jardim Infantil vila-realense pertence ao Centro de Assistência da Sr.ª da Encarnação e tem como directora a assistente social D. Maria Adelaide Pereira de Campos Monchique de Sousa, como monitoras D. Maria Cristina Ribeiro (grupos dos 3 e 6 anos) e D. Etevílva de Sousa David (grupo dos 4/5 anos) e como auxiliar D. Maria da Encarnação Gutierrez Mascarenhas. Recebe uma vez por semana a visita da educadora infantil D. Maria Isabel Vilhena, que, com as responsáveis pelos grupos, orienta as respectivas actividades.

As condições de acesso das crianças são avaliadas através de inquérito às possibilidades económicas do agregado familiar, existindo, superiormente estabelecida, uma tabela para o efeito, na qual o escalão máximo atinge 400 escudos e o mínimo, 50 escudos por mês.

A Câmara Municipal, que tem prestado valiosa colaboração, atribuiu ao Centro um subsídio de 55 contos, destinado a material didáctico e decoração do Jardim, tendo o Governo Civil oferecido 10 contos. Também elementos da população têm contribuído com trabalho e verbas que vão a 4600 escudos.

Aos garotos é servida uma merenda, à tarde, e todos confraternizam nas festas de anos de cada um, que também recebe uma lembrança de todo o grupo. As datas de maior relevo são sempre assinaladas e quando possível fazem visitas acompanhadas aos correios, museu, igreja, estações da C. P., monumentos, etc. Na última festa de anos, todos escolheram para o Jardim o nome de borboleta, talvez por gostarem da vasta gama de

cores das asas das que lhes enfeitam as salas.

São principais aspirações das pessoas que devotadamente orientam a magnífica certeza que o Jardim já representa, o virem a dispor de instalações mais amplas tendo condições para melhor desenvolver actividades cénicas, musicais, ginásticas e outras, com as quais as crianças (e as famílias, indirectamente) bastante viriam a lucrar.

Mais claras, porém, que as nossas palavras acerca desta obra de tanta validade e interesse para Vila Real de Santo António, são as que nos permitimos respigar de um folheto que lobrigámos a quando da nossa visita e que darão aos leitores plena ideia da verdadeira finalidade do Jardim Infantil vila-realense:

O jardim infantil é um lugar onde a criança joga, canta, dança, manipula materiais diversos, desenha e pinta, ouve contos e conversa, festeja o dia de anos dos seus companheiros, realiza passeios, etc. Não é propósito do jardim infantil que a criança aprenda a jogar, cantar, dançar, desenhar, etc., mas que, mediante estas actividades, adquira possibilidades e desenvolva capacidades, não tendo em conta a maior ou menor perfeição com que o menino joga, canta, dança, modela, mas considerando os seus progressos em pensamentos, sentimentos e conduta.

Assim, o fim essencial do jardim infantil é acompanhar e favorecer a educação integral da criança. Para que esse fim seja acessível, o plano de actividades considera simultaneamente com igual interesse e de forma equilibrada, todos os aspectos do desenvolvimento da criança em si mesma e também como parte integrante da sociedade.

Permite que a criança desenvolva os hábitos, automatismos, destrezas, habilidades e aptidões que — uma vez que possibilitarão a sua gradual integração social — pressupõem a base para alcançar os objectivos da educação primária.

Cumprida a missão total do jardim infantil, a criança em idade escolar ingressa na escola primária. Que assimilou ao longo da sua passagem pelo jardim infantil? — Aprendeu a falar correctamente; a desenvolver o seu espírito de iniciativa e de responsabilidade; conseguiu o seu ajustamento social relacionando-se com os seres e elementos que estão fora do seu pequeno mundo: adquiriu — baseado na sua própria experiência e habilidade manual — muitos conhecimentos úteis, iniciou-se no domínio da auto-expressão, em toda a gama múltipla das suas expressões representativas; exercitou sem esforço a memória e guardou na sua mente um verdadeiro tesouro de canções, histórias e poemas adequados à sua idade. Assim, embora o jardim infantil não se apresse a ensinar a ler, escrever e contar — que não é função sua mas específica da escola primária — terá, contudo, despertado o desejo de alcançar o domínio desses conhecimentos. Por outro lado: que dificuldade pode oferecer a escrita a crianças que passaram um par de anos desenhando e pintando alegremente todos os dias? Que obstáculos pode encontrar na aprendizagem esse menino para quem recitar, cantar, dramatizar e interpretar contos foi o jogo alegre de muitas horas?

Num jardim de infância, a criança aprende com alegria num ambiente especialmente planeado para lhe oferecer experiências valiosas e incutir-lhe sentimentos de segurança emocional, bem como uma atitude de prazer à escola.

J. M. P.

António Vicente Campinas

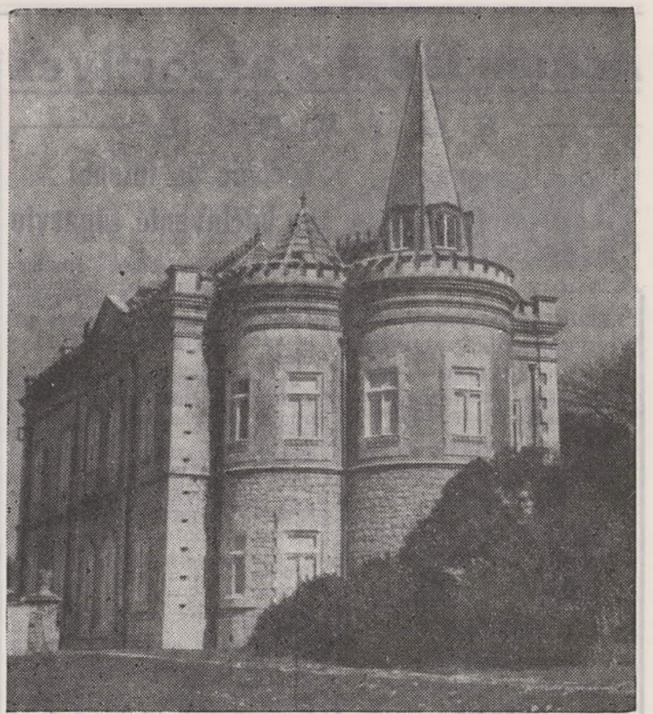
VEIO passar algumas semanas ao Algarve, a rever amigos e também por assuntos que se prendem à próxima campanha eleitoral para a Assembleia Constituinte, o nosso amigo, prezado colaborador e apreciado poeta António Vicente Campinas, residente em Paris.

Dinamização Cultural do M. F. A.

TEM prosseguido em toda a Província a Campanha de Esclarecimento e Dinamização Cultural, promovida pelo Movimento das Forças Armadas, através da Comissão Regional de Faro e das Subcomissões de Lagos e Tavira. No decurso desta semana realizaram-se sessões em Rogil (Aljezur), Olhos de Água, Cortes do Velho, Azinhal, Messines de Baixo, Almansil e Pontes de Marchil. Hoje decorrerá uma sessão em Fonte de Penedo (Odeleite).

Números da pesca da sardinha em Vila Real de Santo António

AS traineiras do centro de Vila Real de Santo António, venderam no ano findo, na lota da mesma vila, a importância de 28 881 951\$00, correspondente a 5 370 076 quilos de sardinha e diversas espécies. As traineiras que maiores vendas efectuaram foram a «Caju», com 2 432 644\$00; a «Lestia», com 2 331 695\$00; e a «Pérola do Guadiana», com 2 292 355\$00.



O Palácio da Fonte da Pipa

COMÍCIOS DO M. D. P. EM FARO E EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NO ginásio da Escola Industrial e Comercial de Faro, decorreu uma sessão de esclarecimento promovida pelo Movimento Democrático Português, que foi presidida pelo sr. João de Brito Vargas, membro da Comissão Central do M. D. P. e candidato a deputado. Na mesa viam-se ainda elementos das comissões concelhias de Faro e Olhão, das comissões de freguesia de Conceição de Faro, Estoi e Santa Bárbara de Nexe e das comissões de moradores dos bairros de São Luís, do Alto de Rodas e da praia de Faro.

O primeiro orador foi o dr. José de Jesus Neves Júnior, que recorreu aos 48 últimos anos vividos em Portugal e as lutas travadas pelas forças progressistas para a instauração das liberdades democráticas. Aludiu às lutas da classe operária desde o início do século e aos factores que transformaram o carácter do 28 de Maio numa ditadura militar. Referiu-se à acção do P. C. P., desde a sua fundação, em 1921, e a de outros movimentos revolucionários, à revista «Seara Nova», ao M. U. D. («expectativa de esperança de uma abertura à concessão das liberdades cívicas fundamentais»), à perseguição movida pela polícia política e à colaboração pelo MDP/CDE prestada no 25 de Abril às Forças Armadas, afirmando que o M. D. P. ainda que partido político, não perdeu o carácter de unidade e constitui uma força colectiva que integra várias tendências políticas orientadas no sentido do socialismo.

O sr. Leandro Carromba de Sousa, congratulou-se pela vitória das forças democráticas na recente manobra reaccionária, dizendo que o M. D. P. lutou, luta e lutará pela instauração em Portugal de um Estado amplamente democrático. Teceu considerandos sobre as comissões de moradores, sócio-profissionais, necessidade de sindicatos fortes, força da classe trabalhadora na unidade sindical e afirmou que o M. D. P. bate-se para o poder do povo, pelo povo e para que seja colocado ao serviço do povo.

O dr. Arnaldo de Matos fez documentada análise do momento político e da posição dos cristãos, afirmando que como membro de «Cristãos pelo Socialismo» protestava pela instrumentalização do termo «cristão» por partidos políticos, que classificou de atitude anti-evangélica e anti-Vaticano II. Disse que a sociedade não se divide em cristãos e não cristãos, mas entre oprimidos e opressores, entre explorados e exploradores. Abordou a questão do Serviço Nacional de Saúde, que será aquilo que o povo português queira, apontando como primeira premissa que os médicos que trabalhem no Serviço Nacional de Saúde não trabalhem em consultórios particulares e que não pode haver concessões entre medicina social e medicina liberal.

A sr.ª D. Lurdes Cunha expôs as relações no trabalho e a necessidade de passar da ideologia para a prática, afirmando que «no M. D. P. existem muitos marxistas práticos que nunca leram uma linha sobre marxismo». Focou a questão do desemprego e da falta de dinheiro, como de resolução possível e apontou a necessidade de

uma prática diária nos postos de trabalho, do espírito de democracia e de unidade.

Sobre problemática local falou o sr. Humberto Rosa, que focou questões ligadas com a criação de infra-estruturas urbanísticas, habitação, «um dos grandes cancro da sociedade portuguesa», saúde, ensino e turismo, «intervenção energética do Estado na mobilização de todos os bens do turismo», para que surja «um turismo que sirva a todos e não só aos privilegiados».

O sr. João de Brito Vargas, referiu o número de comícios e sessões de esclarecimento do M. D. P. a decorrerem naquele momento em todo o País (247, dos quais 9 no Algarve) dizendo que «o M. D. P. saiu à rua para um abraço mais amplo e mais fraterno ao povo português». Teceu considerandos sobre a conspiração reaccionária de 11 de Março, que não considerou uma saloioada mas grave e perigosa atentado ao povo português. Apontou a necessidade de uma unidade estreita entre todas as forças democráticas e progressivas com o M. F. A., para que casos como o de 11 de Março, não voltem a acontecer. Referiu depois que o processo revolucionário está em franca caminhada, como o atestam as nacionalizações da banca e das seguradoras, mas que é preciso ir mais além e que é ainda preciso que o Governo entre efectivamente no processo de desenvolvimento económico com vista ao socialismo.

O comício do M. D. P. / C. D. E. em Vila Real de Santo António decorreu no salão do Lusitano Futebol Clube e teve a presença de muito público.

Abriu os discursos o sr. José Ramos Iria, da Comissão Política local, que saudou os presentes e aludiu às causas e efeitos do Movimento de 25 de Abril. O sr. Manuel Rosa Mendes apelou para a união dos pequenos agricultores, através da criação de cooperativas, apontando a despolitização das gentes da sua freguesia, Vila Nova de Canela e o empenho que as anima de se politizarem rapidamente. D. Sara Café teceu comentários sobre a situação da mulher portuguesa antes e depois do 25 de Abril. O dr. Fernando Furtado citou as preocupações da política fascista, cujo propósito era manter o povo no mais elevado grau de estupidificação, e o aparato de que se revestira o «enterro» do fascismo. O sr. Francisco Guerreiro leu os pontos básicos do programa do Movimento das Forças Armadas, explicou com notável sentido de humor, alguns aspectos da complicada engrenagem do fascismo e da pida e dedicou aos poetas vila-realenses António Aleixo e António Vicente Campinas (que se encontrava presente e foi alvo de cariñosa ovação), a leitura do poema «Cela 13».

Fechou os discursos o dr. Ramiro Fernandes que disse terem começado a ser cumpridas, logo em 26 de Abril, as promessas do M. F. A., não havendo quaisquer razões para duvidar que o não fossem integralmente. Que o poder económico, «polvo tentacular que envolve toda a Nação», provocara a quebra de numerosas empresas e o desemprego de milhares de trabalhadores. Que até há pouco se trabalhava no País para os monopólios e latifúndios e agora, com a nacionalização da Banca e das seguradoras, já havia certeza de cada um trabalhar para si e para os seus filhos.

Os membros da mesa esclareceram depois os assistentes quanto às diversas questões que lhes foram postas.

A L. U. A. R. CRIA EM LOULÉ O INFANTÁRIO POETA ALEIXO

O NUCLEO de Loulé da L. U. A. R. fez distribuir o seguinte comunicado:

A Liga de União e Acção Revolucionária (LUAR) comunica a toda a população de Loulé, ter ocupado na noite de 21 de Março, o palacete situado no local da Fonte da Pipa, abandonado há longos anos, o qual será utilizado como Infantário Popular com o nome de «Poeta Aleixo».

Tal acção tem como objectivo possibilitar às crianças mais desfavorecidas o acesso a uma assistência educacional sadia, física e psiquicamente, já que a creche local, com educadoras que não fazem horários completos, e encerrando temporariamente para férias de Páscoa, Natal e meses de Verão, não assegura o acesso a crianças cujas famílias se sentem obrigadas a trabalhar todo o ano.

Além disto, o pagamento mensal obrigatório provoca uma selecção que a todo o transe se deve abolir.

A memória de António Aleixo: O mundo só pode ser melhor do que até aqui quando consigas fazer mais p'los outros que por ti.

Pela Revolução Socialista. Pela Classe Trabalhadora. Por um socialismo de base.

Palestras no Círculo Cultural do Algarve

INTEGRADAS nas actividades do Centro de Apolo da Faculdade de Letras de Lisboa (Curso de História) a dr.ª Maria José Ferro (professora daquele estabelecimento universitário) proferiu no Círculo Cultural do Algarve, em Faro, duas palestras em que focou os temas «Evolução monetária portuguesa no séc. XVI e sua incidência na sociedade» e «Pobreza e assistência nas épocas medieval e moderna».

Seguiu-se discussão sobre os temas focados.

Faleceu D. Maria Catarina Martins, viúva do poeta popular António Aleixo

NO hospital de Faro, onde pouco antes dera entrada, faleceu a sr.ª D. Maria Catarina Martins, que foi dilecta companheira do grande e saudoso poeta popular algarvio António Aleixo. Contava 78 anos, era mãe das sr.ªs D. Maria Isabel, D. Arminda, D. Celinda e D. Maria das Dores Martins Aleixo e dos sr. Vitor Manuel e Vitalino Martins Aleixo, deixando 16 netos.

Coordenação dos Serviços Agrícolas no Algarve

A FIM de ficar devidamente assegurada a coordenação e dinamização dos Serviços Agrícolas Regionais, no Algarve, e a sua efectiva ligação com os serviços centrais da Secretaria de Estado da Agricultura, foi nomeado, por despacho do secretário de Estado da Agricultura, para as funções de coordenador da sub-região Algarve da Região Plano Sul, o eng.º agrónomo Gabriel Guerreiro Gonçalves, da Estação Agrária de Tavira.